



Os Escritores da Rocha Peixoto



Prefácio

Pelo terceiro ano consecutivo, levamos a cabo mais uma edição da colectânea de textos criados pela comunidade educativa da Escola Secundária Rocha Peixoto.

Esta iniciativa reitera a função primordial da BE: o entusiasmo pela escrita e pela investigação utilizando quer os meios informáticos quer o papel, reforçando, assim, a inegável importância da BE/CRE na divulgação do conhecimento e na formação cultural e estética do indivíduo.

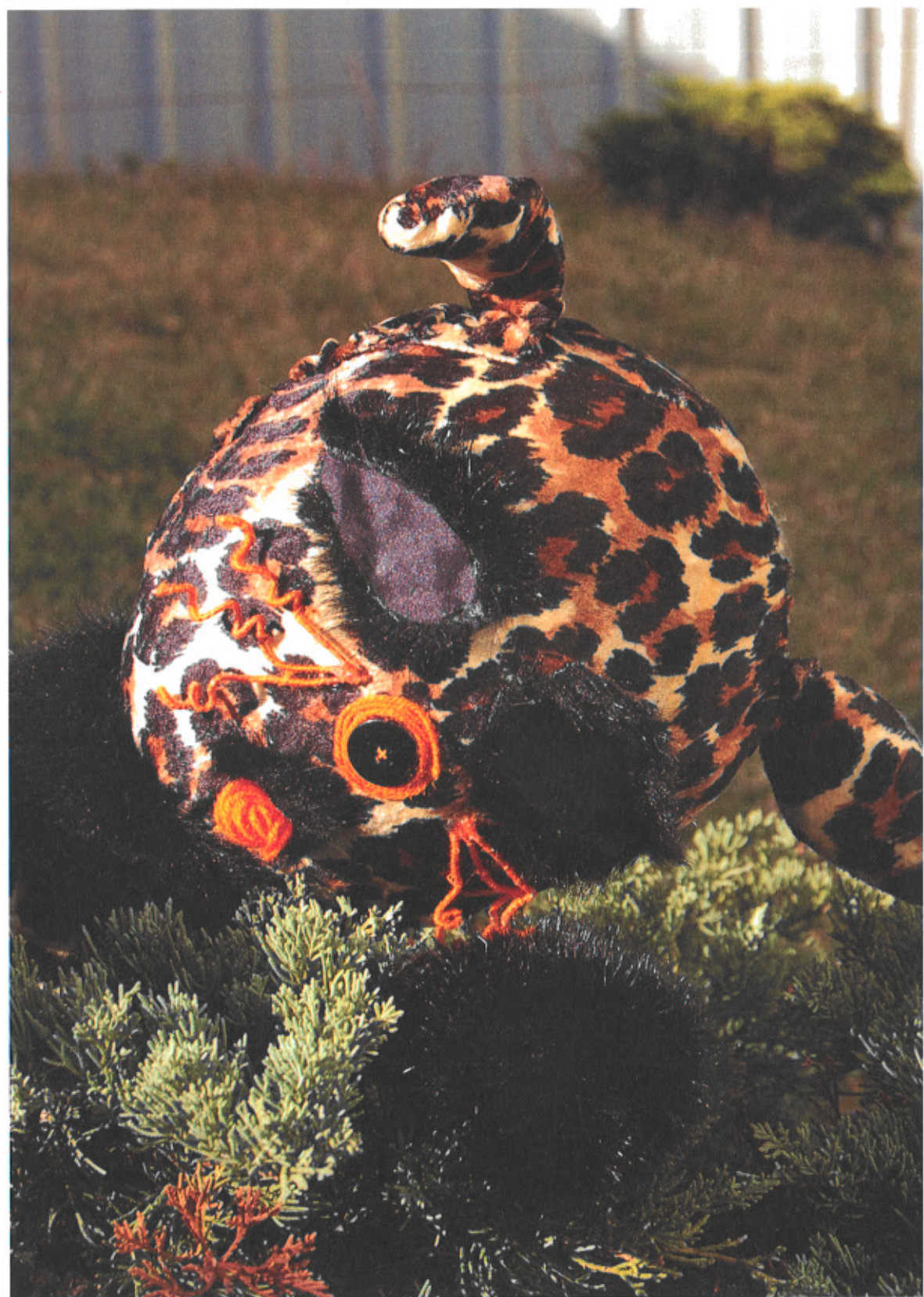
Dado que, neste ano lectivo, a autarquia comemora o centenário da morte do grande cientista Rocha Peixoto que é também patrono da nossa escola, as temáticas escolhidas para a produção textual foram “Rocha Peixoto – homem e obra” e “Vivências escolares na Rocha Peixoto” de modo a associarmos-nos às comemorações e, do nosso jeito, celebrarmos esta efeméride.

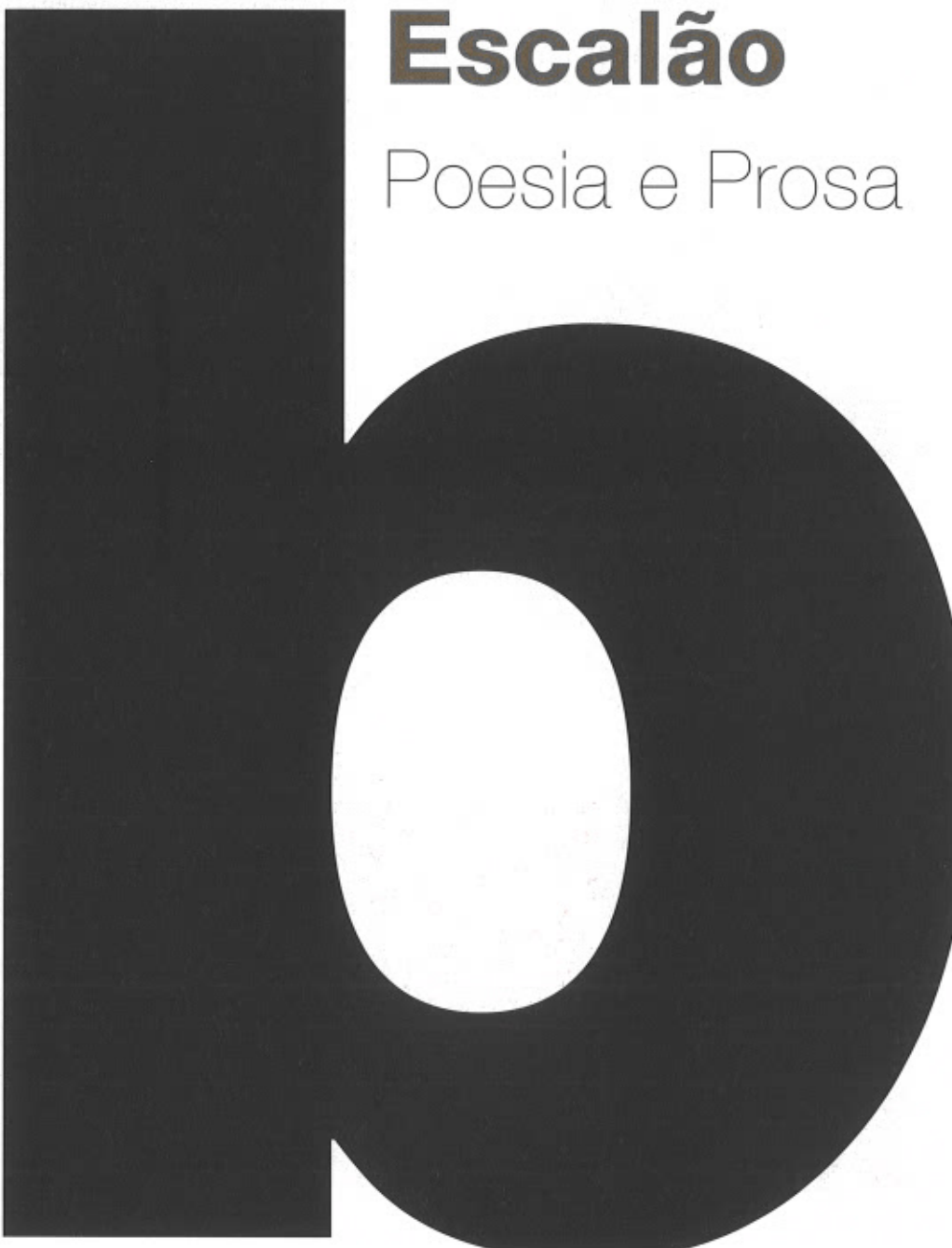
Tal como aconteceu nos anos anteriores, a adesão da comunidade a esta actividade foi positiva e muito gratificante. No entanto, a dificuldade da temática “Rocha Peixoto – vida e obra” não permitiu a publicação, nesta colectânea, de trabalhos do escalão A, uma vez que os alunos mais jovens optaram por trabalhos mais práticos como a reconstrução da casa onde Rocha Peixoto viveu...

Este facto, não nos entristece nem depaupera esta edição porque o importante é que os alunos exprimam a sua criatividade e conhecimento nas várias vertentes do saber.

Com esta colectânea pretendemos divulgar informação sobre o Rocha Peixoto, infelizmente, desconhecido de muitos poveiros e fomentar o gosto pela escrita, rasgando a imaginação e a criatividade.

A equipa da BE/CRE



A large, bold, black graphic of the letter 'R' that serves as a background element for the text. It is positioned on the left side of the page, with its vertical stem extending from the top to the bottom and its curved bowl extending to the right.

Escalão

Poesia e Prosa



AS PALAVRAS

Alunos do 10.º G (colectivo)

Palavras... exprimem estados de alma.

As palavras são como o espaço, não conhecemos os seus limites.

Ainda que invisíveis, têm muito mais significado do que aquilo que é visível.

As palavras servem para nos exprimirmos e as mais valiosas são aquelas que nos saem no momento, as que são ditas sem pensar.

As palavras, apesar de serem só palavras, transformam pessoas.

As palavras são o mais bonito que podemos transmitir.

Há momentos em que as palavras não passam de meros ruídos inúteis.

O teu espelho nunca será a alma das minhas palavras.

A palavra é a minha expressão exterior, de forma incoerente e distorcida.

Por vezes, as palavras magoam mais do que um acto violento.

As palavras expressam o que as pessoas querem transmitir e não o que sentem realmente.

São tantas as vezes em que as palavras são fonte de desentendimento e agressão porque uma palavra vale mais do que mil gestos!

Tudo o que as pessoas ouvem são meras palavras, sem se importarem

Palavras: são de mais para o que oíço!

Há palavras que por vezes não expressam verdadeiros sentimentos.

Gastam-se demasiadas energias com palavras e acabamos por perdê-las nos actos!

As palavras transmitem as minhas emoções, mas podem ser interpretadas de mil maneiras...

As palavras abstractas são mais importantes do que as concretas.

A melhor definição de palavra é aquela que não vemos mas sentimos.

Quantas vezes as palavras são como o vento: vão e vêm sem sentimento!

A ESFEROGRÁFICA

Adriana Marques, Cristina de Jesus, 10.º F

Eu era de marca muito
comum.
Tinha tinta azul, mas também
podia ser verde, preta ou
vermelha.
Deram-me uso, diariamente,
vertendo a minha tinta nas
linhas dos cadernos.

Fui usada no primeiro dia de
aulas.
Tive o prazer de ter como
dona uma rapariga.
Eu deslizava na mão dela.
Numa escrita suave e gentil,
Sentia-me bem na mão dela.
Tinha muito cuidado comigo.

Um dia reparei que a menina
me utilizava
Quer na vida escolar quer
vida privada,
Notei que comigo escreveu
uma carta de amor
Fiquei contente ao saber que
me escolhera para tal
assunto.
Desejava que todas as outras
esferográficas
Tivessem uma dona tão
cuidadosa como a minha!

Infelizmente tive uma doença,
A minha carga de tinta ficou
anémica
Durante muito tempo não
escrevi.
Como a rapariga gostava
muito de mim,
E viveu momentos únicos
comigo,
Quando ela reparou que a
minha carga se extinguia
Guardou-me numa caixa que
lhe era muito querida.

E aqui estou eu, com o resto
da minha tinta
No tal porta-lápis especial,
Contando a minha história...

TESTEMUNHO DE UM LÁPIS

Ana Cêpa, Manuela Nova, 11.º N

Objecto desvalorizado
Começamos lá de longe,
Com destino incerto, sem
rumo, sem opção,
Na prateleira esperando
quieto,
Por uma doce mão.

De repente, mudamos de
caminho,
Seguimos rumo ao futuro,
Arranjamos um amigo, que
não tenha dedo duro.

Connosco escrevem simples
palavras,
Positivas ou negativas,
Talvez desabaços... talvez
segredos,
Com que, por vezes, ficamos
destroçados.

Somos tão ambivalentes,
Umas vezes frios outros
quentes,
Que nem reparam,
O quanto somos
conscientes...

Ouvimos e calamos,
Sorrisos e choramos,
Apenas com um simples
gesto,
Parece que deliramos.

Não somos humanos,
Mas, tal como eles,
Cometemos erros.

Erros que são apagados,
Erros que são esquecidos,
Até que numa mão amiga,
Espontaneamente somos
valorizados.

Ao contrário das pessoas,
Nós não crescemos...
Diminuímos, mingamos...
Quando a afia faz questão,
De nos colocar a mão,
Aguçando-nos até mais não!
O nosso interior desaparece,
Quando somos enrolados,
Até nos caem as paredes dos
lados.

Somos lápis
Passamos por diversas mãos
E para deixar recordação,
Fazemos letras de união,
Mexemos-te com o
coração...
Assinado: lápis do teu
coração.

SE EU FOSSE O VENTO

Flávia Rosa, 10.º G

Se eu fosse o vento
Arrastaria comigo a brisa do
mar,
O aroma de cada flor,
Assim como as folhas caídas
de cada árvore
Daquele verde prado...

Traria comigo cada semente
de cada fruto
Tal como de cada flor
Para que onde quer que estas
voassem
Nasceria uma nova vida...
Uma nova esperança...

Levaria a chuva
A todos os campos, florestas
e matos
A fim de regar, florescer e
apagar os fogos
Neles causados...

Com a minha agilidade e
perfeição
Conseguiria corroer cada
falésia e cada montanha
Criando magníficas esculturas
naturais
Para que fossem apreciadas
por cada um
Criando novos sentimentos e
emoções

Seria um vento calmo e suave
Não provocaria graves danos
Simplesmente espalharia a
frescura de uma
Primavera...

Se eu fosse o vento
Transportaria comigo todas as
palavras vãs...
Ditas, por dizer
Palavras sofridas, sentidas e
vivas

Arrastaria frases feitas
Ditas por outro alguém
E inventaria novas frases e
melodias

Comigo exportaria o eterno
sentimento
Que muitos deixam para trás
A dor, a pena e o rancor
E importaria o amor, a paz e a
ternura

Ocultaria entre mim
As lágrimas derramadas
E os sorrisos forçados
Criados por causa das intrigas

Deixando o carinho dedicado
E as gargalhadas repartidas
Por amizades vividas...
Guiaria para longe
As saudades destinadas
A momentos passados
Que outrora foram partilhados

Por fim
Seria o simples vento
Que afastaria todo o
sofrimento
Mostrando assim o verdadeiro
valor da vida

O LIVRO ESCOLAR

Isabel Costa, Joana Serra, 11.º N

Na minha pele fui ferido,
Com palavras impensáveis
Nas fúrias dos leitores,
Minha capa foi riscada,
arrancada, dobrada.
Fui cruelmente ofendido.

Com o desprezo de alguns
aprendi a viver
Com o abandono de muitos
já estou habituado...
Por que será que sou mal
amado?

Sou calado e bom ouvinte,
Possuidor de muita sabedoria
Capa impermeável, ilustrada,
Folhas letradas, coloridas, eu
costumo ter
Sei de mil segredos para te
contar
Se um dia os quiseres saber
Abre-me, à sorte, para tos
dizer!



NOVO ANO...

Vânia Gomes, 10.º F

As aulas começaram
Agora tens que te aplicar.
As férias terminaram
É tempo de estudar.
A matéria complicou
Para quem não reprovou.
E aqui sentada escrevi,
Isto que acabas de ler,
Só e apenas para ti.
Estudante que és capaz
de ser.

Sentada e sem pensamentos.
Lembro todos os nossos
momentos,
2007/2008 ficou para
a história.
Tudo guardado na nossa
memória.
Seis horas por dia juntos
vivemos.

Cinco dias por semana
convivemos.
Três a quatro semanas por
mês tudo aprendemos.
Em nove meses num ano em
conjunto crescemos.
Arrependo-me dos
momentos não
aproveitados.
Aqueles em que estavam
todos à minha frente
sentados.
E eu nas férias pensando.
Sem me aperceber que o
tempo se ia esgotando.
Mas, um dia, numa sala nos
encontraremos,
Os vinte e oito perfeitos,
juntos nos manteremos.



MEMÓRIA

Vanessa Azevedo, 10.º E

Mais um ano lectivo começa.
Este ano é diferente, é uma
nova Escola,
Ambiente diferente, colegas e
professores **novos**.
Estamos no 10.º ano.
Durante algum tempo
"sonhámos" ir para o
décimo:
Outras mentalidades, outro
ambiente distinto do
"básico".
Com o tempo, reconhecemos
que não é assim tão
desigual.
No fim deste percurso
escolar teremos saudades?
Eu diria que sim.

Das conversas imaturas que
surgem do nada,
De risos e olhares cúmplices
ou sem sentido,
De apreciarmos os rapazes
Do suspirar pela Pessoa
especial
Das conversas paralelas nas
aulas,
Das críticas boas e más dos
professores
Dos segredos múltiplos
contados pelos cantos
desta escola,
O chinfrim e palhaçadas no
contentor-bar.
Cada minuto na Rocha é um
pouco da nossa
adolescência
O que hoje para nós
estudantes é insignificante,
Mais tarde, terá muito valor: o
saber, as amizades e a
diversão.



CONFISSÕES NO WC...

Carina Silva, Daniela Oliveira, 11.º N

Oíço muito, vejo bem
Mas por serem confissões,
Não as conto, a ninguém.
Já ouvi declarações,
Mexericos e palavões.
Dizem à amiga que a amam,
Do fundo do coração,
Mas quando ela se vai
embora,
Dizem mal até mais não!

Por aqui passam amores
secretos,
Proibidos ou permitidos.
Todos eles com emoções,
Até professores são alvo de
paixões!
É certo que são todos
proibidos,
Mas fortemente vividos.

Problemas familiares,
Vêm sempre à conversa,
O pai que bate na mãe
E o irmão que não é boa
peça!

Um namorado que é ausente
E o outro que é
toxicodependente.

Mensagens secretas são
recebidas
E em voz baixa são lidas,
Para a amiga não sentir
A traição que está p'ra vir!

Quando a matéria não está
sabida,
Usam-se auxiliares de
memória,
Que são escritos em
pequenos SMS
Para os testes de Matemática
ou História.

Aqui, contam toda a sua
vida,
E também a do vizinho
Que tem problemas de
dinheiro
Com as mulheres ou com o
filhinho.

VIDAS NO JARDIM DA ROCHA...

Ana Abreu, Ana Passos, Patrícia Pires, 10.º F

Olá, eu sou um dos inúmeros bancos que existem no jardim desta escola.

Desde que a escola abriu, passei a ser muito mais utilizado. Antigamente, era raro, eu ter companhia, era capaz de passar dias e dias sem ter alguém a descansar, a conversar **em mim**.

Hoje em dia, durante a semana, tudo é diferente, a partir das oito horas da noite fico um pouco exausto devido ao excesso de alunos que se sentam em mim. Nos intervalos as minhas pernas parecem que vão partir. **Mas**, quando chove **fico** sozinho, **cheio de frio** apanhando, muitas vezes, uma grande gripe.

Adoro quando os jovens vêm para o jardim, sinto que gostam deste ambiente. Gosto também de ouvir as suas conversas, ouvir os seus dilemas e aventuras. **É muito interessante**.

Uma coisa muito linda de se observar, são os casais de namorados sentados a partilhar os acontecimentos **das** aulas, quando ambos não estão juntos **na mesma turma**.

Apesar de às vezes me sentir só, penso que sou um objecto bastante significativo na vida destes estudantes e de outras pessoas **também**.



CARTEIRAS EM FÉRIAS...

Ana Cristina Macedo, 10.º F

As férias foram bastante longas e tristes!

Apesar de estar rodeada de bastantes carteiras, a sua companhia tornou-se cansativa e surgiu então a solidão. Esperávamos todas, impacientemente, que soasse a campainha, nos corredores na esperança que os alunos tornassem o nosso dia mais animado.

Era o primeiro dia de aulas, o regresso das férias. Tocou para entrar. Ouviram-se as vozes em volumes altos e cada vez mais próximas. Se eu tivesse um coração, tenho a certeza que neste momento, estaria a palpitar desalmadamente.

Aos poucos, as cadeiras vagas existentes na sala de aula foram sendo preenchidas. Enquanto uns esperam pelos professores, outros fazem da sala uma selva, correndo em torno das mesas, saltando e riscando as cadeiras... Receei o pior. Por breves segundos, desejei que não tivesse tocado.

Porém, quando a professora chegou, todos se apressaram a sentarem-se e o susto passou.



ENTREVISTA A ANTÓNIO AUGUSTO DA ROCHA PEIXOTO. António Calafate, 10.º F

Estamos aqui perante uma grande figura poveira e portuguesa: Rocha Peixoto. Figura ímpar da Etnografia em Portugal e ainda um dos fundadores da Revista de Ciências Naturais e Sociais.

Entrevistador: Bom dia, Dr. Rocha Peixoto, antes de mais gostaria de lhe perguntar onde nasceu e quando?

Rocha Peixoto: Muito bom dia! Nasci na Póvoa de Varzim, a 18 de Maio de 1866 .

Entrevistador: Senhor Dr. Rocha Peixoto fale-nos um pouco da sua infância...

Rocha Peixoto: Tive uma infância difícil: o meu pai faleceu quando eu tinha oito anos. Desde aí, para ajudar a minha família, tínhamos uma disciplina rígida de estudo, pois os rendimentos eram escassos. Mais tarde formei-me na Academia Politécnica do Porto.

Entrevistador: No início da sua carreira que área lhe despertou mais interesse?

Rocha Peixoto: Foi sem dúvida a área das Ciências Naturais, apesar de mais tarde também ter ficado fascinado pela Etnografia.

Entrevistador: E na área da Etnografia, o que é que gosta mais?

Rocha Peixoto: Gosto de temas relacionados com a cultura material e com a organização comunitária das populações.

Entrevistador: Para além da Etnografia, desenvolve projectos noutros campos de saber?

Rocha Peixoto: Sim, no domínio da História da Arte e da Arqueologia.

Entrevistador: Soubemos que também desempenha cargos importantíssimos. Pode enumerar alguns?

Rocha Peixoto: Sou naturalista-adjunto do Gabinete de Mineralogia, Geologia e Paleontologia da Academia Politécnica do Porto e sou também director da Biblioteca Pública e do Museu Municipal do Porto.

Entrevistador: Obrigado, Dr. Rocha Peixoto por ter estado presente.

Rocha Peixoto: Obrigado eu. Foi um prazer.

AS “BEIFAS”

Ana Serra, 12.º J

Todos os contos começam por era uma vez. E este não será excepção.

Era uma vez, duas meninas que tinham como nome Ana e Joana. Elas frequentavam o 12.º ano e eram muito amigas. Finalmente, o último ano!

Quarta-feira. Outono, um dia de frio. Tudo indicava ser um dia banal como tantos outros. Como de costume, Ana e Joana encontraram-se por volta da uma e meia, para começarem as aulas dez minutos depois. A vontade de entrar na escola não era muita, como todos os miúdos elas estavam ansiosas que chegassem as férias de Natal. Com as obras, o espaço que havia para os alunos era minúsculo.

O que era engraçado, era o modo como elas geriam o seu tempo. A primeira coisa que ambas faziam, era decidir como passar os intervalos: lanchar, ir à papelaria... Bem, tudo o que as pessoas da sua idade fazem durante o intervalo.

Aulas de Texco. Como de costume, as nossas protagonistas ensaiaram um projecto de turma. De seguida, Português onde falaram de Fernando Pessoa e os seus Heterónimos. Bem, até aqui, esta história não tem nada de anormal, de muito interessante. Todos os dias, milhares de alunos são protagonistas de histórias idênticas.

Mas, este dia ficou marcado na vida destas duas alunas e na história daquela escola.

Intervalo das cinco. Elas dirigiram-se à papelaria da escola com o objectivo de comprar uma caneta. Sim, uma caneta. O que é que isso tem de interessante? Boa pergunta. Uma simples caneta preta, da marca Bic. O destino quis que estas pobres moças tivessem um final de dia infeliz e algo de muito mau lhes acontecesse. Mas, se querem saber o quê, vão ter de esperar, porque senão o fim desta história não tem piada.

Quando Ana e Joana olharam para a caneta notaram algo de diferente. A marca. Em vez de Bic, era Beifa. Sim, Beifa, marca chinesa. Sim, em Portugal, em pleno século XXI é normal este tipo de coisas acontecerem. Já a caminho do corredor, espantaram-se com aquilo e riram-se muito. Olhando uma para a outra, começaram, instantaneamente, a cantar e a mexer com as mãos. Sim, que as nossas pequenas são muito engenhosas e improvisadoras!

Aí, começou verdadeiramente o martírio: o toque da campainha. Miúdos enchiam o corredor em direcção às salas. Aula de

Psicologia seria o trajecto delas. Estavam à espera da professora, quando decidiram mostrar às amigas a coreografia que tinham realizado há segundos. Porém, nesse mesmo momento, viu-se uma funcionária a correr em direcção a estas alunas e o pior aconteceu: ambas ficaram sem cartão.

Os dois dias seguintes foram muito engraçados porque estas meninas fugiam dos funcionários ou, então, apanhavam-nos distraídos para entrarem na escola e não terem falta. Não podiam lanchar nem sair da escola, pois, não tinham cartões. Bem, está à vista, que naquela escola não se vive sem cartões.

Sexta-feira. Finalmente, foram avisadas para irem falar com a funcionária que lhes retirara os cartões.

Ambas estavam ansiosas para que tocassem. Quando, finalmente, soou o toque da campainha, subiram até ao segundo piso onde ouviram um enorme raspanete. Mas, quis Deus Nosso Senhor que somente ficassem registados os seus nomes. Uma espécie de lista negra. Para a próxima teriam um castigo bem pior.

Esta história parece surreal, mas é uma história verídica, em pleno século XXI.

Espero que tenham gostado porque teve um final feliz, dado que poderia ter sido muito pior.

Não houve um príncipe nesta história, nem um amor descoberto como é usual. É para não ser sempre a mesma coisa. Até porque, cada uma delas já encontrou os seus príncipes, que não vieram em cavalos brancos, nem habitam num castelo. São de carne e osso, lindos aos seus olhos, que é o que verdadeiramente interessa.



O GRUPO DAS 8!!!

Andreia Fernandes, 12.º J

Bem... a minha vida resume-se apenas à felicidade de ter na minha vida, as pessoas que mais gosto.

Chamo-me Andreia Filipa Nunes Fernandes, tenho 17 anos. Sempre cresci na Póvoa de Varzim e fui muito feliz aqui

Sempre gostei de andar na escola, desde a primária ao ciclo, fiz muitas amizades que ainda hoje permanecem. Procurei ser uma aluna razoável para não desiludir os meus pais.

Depois de muito pensar e repensar, decidi seguir para o secundário, pois gostaria de ser o que sempre sonhei: Educadora de Infância. Desde miúda, que gosto de tratar de bebés e criancinhas.

Recordando, a primeira vez que entrei na "Rocha", senti uma mistura de medo, euforia e ansiedade, por estar num sítio novo.

Dias antes do meu ingresso, soube que pertencia à mesma turma da minha grande amiga Cláudia, e só por isso, senti-me muito contente, com menos medo, mais tranquila. No grande dia da apresentação, aprontei-me, ainda me consigo lembrar de como vim vestida: camisola amarela, calças de ganga e uma bolsa de ganga. Quando me encontrei com a Cláudia para irmos juntas para a escola, começamos a sentirmo-nos muito nervosas, por estar tão perto o momento de conhecermos a nossa turma, que nos acompanharia três anos.

Chegadas à escola, entrámos, sentámo-nos e fizemos a nossa auto-apresentação (texto eliminado).

Os dias foram-se passando e comecei a formar o meu grupo, com as que agora são as minhas melhores amigas. A turma dividiu-se em dois grupos. No início foi muito difícil, pois sentia-se que havia um mau ambiente na turma, mas sempre que era preciso trabalhar, trabalhávamos. O meu grupo começou a unir-se cada vez mais e mais, agora somos inseparáveis.

Professores me marcaram: prof. Rui Oliveira e a prof Maria Ofélia, que jamais esquecerei, porque foram maravilhosos e nossos amigos.

Nestes anos, vivemos momentos de pura diversão, alegria, tristeza, choro... outras ocasiões, como a partida de grandes amigas: a Goretí, a Fátima, a Valentina, que permanecem no meu pensamento.

Foi com a Cláudia Monte, a Daniela, a Vânia, a Judite, a Cristiana e a Renata que comecei a sair mais à noite, a ter almoços quase diários, jantaras com o pessoal, a tomar um cafezinho, a ir à discoteca. Saídas sempre cheias de bom-humor e boa disposição, só borgas!

Com tantas borgas, não pensava muito em seguir para a faculdade, e por isso não me empenhei como deveria e agora que decidi continuar, não tenho uma grande média para entrar numa universidade que gostasse.

Voltando ao passado, um dos momentos mais trabalhosos, foram os dois “Café Concerto”, que exigiram um grande empenho por parte de cada um. No 10.º ano, fizemos uma peça de teatro, orientada pelo professor Rui Oliveira, que nos ajudou imenso na formação dos grupos, de modo que cada um tivesse uma tarefa: uns tratavam do som, outros da luz, outros do cenário... Formara-se uma turma dividida em duas, as betas e as dred’s, que andavam sempre a discutir, mas no fim tudo se resolveu.

No segundo Café Concerto, orientado pela professora Ana Sousa, fizemos a adaptação de histórias e misturámo-las todas, com uns monólogos para ser original, a outra metade da turma escreveu uma peça relativa aos problemas da adolescência.

Conclusão: tento viver com intensidade todos os momentos de trabalho e de diversão com as minhas sete melhores amigas, pois estão ao meu lado sempre que preciso.



CONFISSÃO

Cátia Graça, Marta Silva, 10.º E

Tomei a decisão de continuar a estudar e para tal escolhi a Rocha Peixoto.

Pensei que o secundário iria ser fascinante: novas amizades, rapazes giros, escola nova, tudo diferente como num filme.

Confissão: o primeiro dia na Rocha as minhas expectativas deram um trambolhão! O ambiente era pesado, não conhecia ninguém, os professores com escudos protectores formando uma barreira PROFESSOR/ALUNO e exigindo muitíssimo de nós. Enfim, suei as estopinhas...

No final do dia escolar, cada um ia para seu lado, olhando uns para os outros, murmurando comentários e os professores distantes no seu escudo.

Com o tempo, as barreiras foram-se desmoronando: comecei a integrar-me, a conhecer melhor os professores e também a abrir-me com eles, a habituar-me às regras e exigências desta casa...

E, agora, já no segundo trimestre, confesso que gosto muito da minha escola, metade em ruínas metade edificada, mas que é mesmo **nova, em folha**, para mim.



SOU A ESCADA INTERIOR...

Cátia Guia, Nuno Oliveira, 10.º E

Olá! Sou a escada interior da Escola Rocha Peixoto e venho contar-vos o meu dia-a-dia.

O meu dia começa com o acordar que nenhum dos meus amigos gostaria de ter. Vejo sempre uma Senhora dirigir-se a mim com um balde de água fria e uma esfregona. Quando a vejo, sinto um arrepio em cada um dos meus degraus, pois já sei que me vai molhar... Odeio aquele detergente que ela utiliza, faz-me alergias, mas tenho de aguentar!

Depois do meu banho esfregado, começa a correria de um longo e doloroso dia. Chegam os alunos...

Toca para dentro, são precisamente oito horas e vinte e cinco minutos da manhã e todos começam a pisar-me sem dó nem piedade, calcando-me como se fosse um ser inanimado.

Sim, eu sei que para eles sou uma simples escada que serve de acesso aos corredores mas, na realidade tenho sentimentos.

No final dos dois toques para a entrada tudo fica mais calmo. Quando não tenho ninguém a calcar-me, ponho-me atenta às conversas entre os funcionários da escola; adoro ouvi-los falar, por vezes, conversam sobre a novela da noite. Ainda bem, pois às vezes adormeço...

Passo a manhã e a tarde inteiras nisto e quase não tenho descanso porque os alunos que chegam atrasados magoam-me mais do que todos os outros, pois vão cheios de pressa...

Sei de alguns segredos, de marotices, de fugas, de gestos de amor, de toda a gente desde as chefias aos alunos.

Querem que vos conte? Não posso. Por brio, uma escada é sempre discreta.

UMA VIDA EM QUATRO PAREDES

Cristiano Ribeiro, Susana, 11.º N

Percorro o tempo da minha existência, desde o tempo em que tijolo a tijolo me ergueram e me criaram.

Foi passando o tempo com sol, chuva e frio. Entraram e saíram pessoas, professores e alunos, escutei vozes e conversas, lamentos, choros, risos, coscuvilhices. Sofri palavras, sons e letras.

Ouvi invocar conhecimentos, invocar a impaciência dos alunos por ouvirem o chato do professor a vomitar fórmulas, contas e afins.

Lembro-me como se fosse hoje. Há 19 anos e 3 meses, numa tarde de Verão, quando um pobre desgraçado sentado na última carteira, dormia num sono profundo, enquanto o professor declamava Camões. Ou ainda, há 15 anos quando aquela menina de olhos castanhos e face rosada mirava a sua paixão, um alto e esbelto rapaz. Terá aquele amor sobrevivido?

Ainda, me recordo como se fosse hoje, daquele professor que se esforçava com afincos para motivar os alunos ou daquela funcionária que no fim de um dia de trabalho, tecendo as suas lamentações, limpava o quadro e as carteiras e varria o chão.

Também não me esqueço daqueles alunos, que são muitos, sentados nas carteiras, vendo as horas passar, sem nunca se interrogarem o porquê de estarem ali. Ou daqueles outros que se esforçaram e dedicaram para serem os melhores.

Tudo isto foi dentro das minhas quatro paredes, revestidas com o passar do tempo, pela paixão da existência e pela paixão de existir. Não evoco mágoas nem penas, mas a alegria de ter acolhido pessoas que construíram aqui o seu futuro ou a sua derrota, consoante o caminho que traçaram.

ILUSÕES DO PRIMEIRO DIA DE AULAS!

Flávia Daniela, 10.º E

Quando decidi ir estudar para a Escola Secundária Rocha Peixoto, achava que iria ser um pouco diferente, pois pensava que não ia conhecer ninguém. Não foi isso que sucedeu.

No dia 17 de Setembro de 2008, no primeiro dia de aulas, quando cheguei à escola senti-me um pouco nervosa. Depois apercebi-me que na minha turma existiam alunas que andaram comigo no 9.º ano. Para minha alegria, uma delas era a Helena, a minha melhor amiga.

Então, já não me senti tão sozinha.

Logo no primeiro dia de aulas a Cátia Priscila começou a falar comigo e pelo desenrolar da conversa descobrimos que fazíamos anos no mesmo dia, 20 de Novembro, e no mesmo ano.

Ao longo das aulas, fui fazendo muitos amigos e amigas. Hoje posso dizer que me integrei muito bem nesta escola.

Na minha opinião acho que esta escola tem muitas regras, mas é com elas que consegue manter a disciplina nos alunos. Ao mesmo tempo, procura transmitir uma boa imagem às pessoas que por aqui passam.

Não me arrependo de ter vindo estudar para aqui pois fiz muitas amizades. Conheci pessoas muito especiais e professores muito divertidos.

Ter vindo para a Rocha Peixoto não me trouxe coisas más, antes pelo contrário, trouxe-me momentos que nunca irei esquecer.

DESESPERO

Guilherme Cruz, Filipe Cunha, 10.º F

Era uma noite de sexta-feira Já passava da meia-noite. Não havia ninguém na escola Secundária Rocha Peixoto, quando o giz estafado, começa a desabafar com uma velha carteira.

GIZ: Estou estafado! Foi um dia para esquecer. Sinto que a minha vida está prestes a acabar. Ainda há dois dias fui utilizado pela primeira vez e já só me restam pouco mais de 3cm a utilizar. O resto do meu corpo já foi desfeito em pó.

CARTEIRA: Pois, de facto não tens lá muita sorte, mas eu também não tenho uma vida maravilhosa... Não sou utilizada há mais de 50 anos. Os alunos desprezam-me e põe-me de lado. Sou somente utilizada para ser vandalizada: riscos por todo o lado, chicletes por baixo de mim a chatear-me dia e noite, sem parar. E pior ainda, desprezam-me por ser a mais baixa das carteiras. Sinto-me à parte! Não tenho culpa de que quando me criaram, me fizessem tão pequena. Nessa época era normal, éramos todas iguais a mim. E muito menos tenho culpa de que as carteiras tenham evoluído geração após geração.

Quando era uma carteira jovem, limpa e elegante todos me adoravam. Mas passado pouco tempo a minha vida tornou-se um inferno, como já te disse.

GIZ: Tens razão. As nossas vidas são muito parecidas mas com objectivos diferentes. Eu tenho uma vida curta e de muito trabalho. Sou abusado durante o dia por alunos insurrectos, que fazem demasiada força em mim. Por professores que, para mandarem calar os alunos batem na mesa comigo. Será que não sabem usar as vozes? Impressionante! Ainda hoje alguém atirou-me contra a parede, partindo-me em dois pedaços. Sinto-me um miserável.

CARTEIRA: Já não dá para aguentar. Até um professor bateu com o livro de ponto em cima de mim. Parece que só sirvo para isso!

No dia seguinte o giz é utilizado novamente de uma forma agressiva, acabando a sua curta vida com um suspiro de ardor. Nesse momento, uma brisa entrou pela janela levantando o pobre do giz para todo o lado. Foi dramático!

Para professores e alunos era uma situação normal. Mas não para uma mesa que acabara de perder um amigo. Por coincidência, nesse mesmo dia os carpinteiros decidiram pôr termo à sua vida. Levaram-na para o jardim e cortaram-na em mil pedaços, apenas por não ser moderna.

UMA NOVA ETAPA DA MINHA VIDA!

Joana Delgado, 10.º E

No final do 9.º ano havia uma questão que estava muito presente na minha cabeça, que demorei tempo até saber a resposta: que escola é que eu vou frequentar?

Eu ficava triste quando pensava nesse assunto, pois via-me a ficar longe das pessoas de quem eu gostava, da escola que frequentei durante cinco anos, na qual tinha passado momentos fantásticos.

Enfim era o fim de uma etapa da minha vida, que eu tanto gostei!

Quando se aproximou a matrícula, decidi que vinha para a Rocha Peixoto, mas eu não sabia como iria ser. Durante as férias de verão pensei várias vezes sobre a decisão que tinha tomado.

No dia 14 de Setembro, dia da apresentação, eu estava muito nervosa e um pouco triste, iria começar um ano lectivo para o qual eu não estava nada entusiasmada, e isso era algo que nunca me tinha acontecido antes, já que gosto de estudar e tenho muitas perspectivas em relação ao futuro. Nesse dia, não olhei para ninguém, limitei-me a ouvir as indicações que a Directora de Turma dava.

No dia 17 de Setembro, eu entrei na escola com duas amigas minhas da minha antiga turma, mas continuava sem olhar para os lados, cheia de vergonha, e foi assim que passei a ideia de anti-social a algumas pessoas da turma.

Durante a primeira semana nem tinha vontade de vir para escola, não falava com ninguém, tinha vergonha até de entrar. Era tudo muito confuso na minha cabeça, sentia-me desintegrada nesta escola tão impessoal.

Passados alguns dias, comecei a habituar-me a este ambiente tão diferente daquele a que estava acostumada, a falar com as colegas da turma, e finalmente tive vontade de vir para a escola.

Agora já me sinto aqui muito à vontade e é aqui que quero terminar o 12.º ano, porque esta é afinal, uma escola muito acolhedora apesar dos seus aspectos negativos como qualquer outra.

Concluído o primeiro período, posso dizer que passei bons momentos e que não estou arrependida de ter vindo para cá. Ainda que, julgasse que o 9.º ano era o fim de tudo, porque me ia separar de todos e de tudo aquilo que eu gostava, hoje penso que, afinal, foi o início de uma nova etapa da minha via!

RECORDAÇÕES DE ESTUDANTE

Marlene Silva, 10.º E

Entrei para esta escola no 7.º ano com 12 anos. Eu ainda era muito novinha e muito criancinha, era bastante histérica e muito algariada. Por isso tive vários problemas com isso, pois nesta escola há regras e eu não sabia lidar com elas.

Todos os períodos vinha fazer trabalho comunitário, já que corria no corredor, gritava, ria-me bastante alto e por isso os funcionários tiravam-me sempre o cartão. Em suma, quase todos os fins-de-semana vinha trabalhar para a escola.

Para mim esta escola ajudou-me muito a nível de comportamento. Estou no 10.º ano, no curso de Línguas e Humanidades e já estou bastante melhor a nível geral. Cresci por fora (estou uma “mulherzinha”) e os castigos ajudaram-me a crescer interiormente. Quando os sofria, sentia-me revoltada, mas depois percebia que eram justos, devido ao meu comportamento.

Desde o 7.º ano que sempre tive amigos, o que é bastante agradável. Muitos marcaram-me imenso, outros nem tanto. É normal ganhar empatia com certas pessoas e com outras menos. No 9.º ano houve um incidente: saltei as grades da escola e magoei-me mesmo a sério, pois feri o joelho e a mão, restando as marcas físicas que nunca saíram.

A nível de professores, por acaso dei-me muito bem com quase todos; sinceramente eram quase todos excelentes professores e bons amigos.

Acho que, se tudo correr bem, vou ficar aqui até ao 12.º ano, apesar das obras em curso. É tudo muito confuso, mas dá para viver bem, apesar do pouco espaço que existe. A minha actual turma está muito dividida, mas até final do ano espero e desejo que fique mais unida. É que são todos ótimos amigos e excelentes pessoas.

Neste momento sou uma aluna feliz...

SOU A MÁQUINA CONTROLADORA!

Paulo César, Tiago Moreira, 10.º F

Olá, eu sou a máquina que controla as entradas e saídas da escola, onde os alunos têm que passar o cartão todos os dias.

Sou uma máquina que gosta de brincar com os alunos só que eles não acham muita piada, porque lhes roubo muito tempo.

Normalmente, o que costumo fazer é não permitir que seja registada a sua entrada na escola, desta maneira obrigo-os a vir visitar-me mais uma vez. O motivo que faz os alunos odiarem esta brincadeira é por lhes causar perda de tempo, nomeadamente, quando vão ao bar e nas máquinas de senhas lhes aparece aquele aviso muito incómodo a dizer que não deu entrada na escola.

Também há coisas que eu não gosto, por exemplo, os alunos fazerem de conta que passam o cartão, quando na verdade se esquecem dele, mas ainda existem coisas piores! Ter alguém que nos controla todos os dias, e no meu caso, é o porteiro.

Acho injusto quando o porteiro manda os alunos passarem o cartão mas aos professores não exige nada. Apesar de não gostar muito deste porteiro porque só me controla, tenho que admitir que já houve um funcionário com quem gostei de trabalhar. Quando estava noutra escola, ele era um pouco avariado porque sabia que eu não podia perder tempo com conversas, estava em serviço, mas cumprimentava-me sempre com um grande “Bom dia” e trazia-me todos os dias meia torrada e um galão.

Como devem imaginar, a minha vida não é só trabalho; também tenho que conseguir tempo para estar com o meu namorado, que se chama Intel Dual Core. Ele é um computador que trabalha naquela casinha do porteiro, ignorando que lhe diga que não gosto das suas companhias.

As minhas férias de Natal foram muito boas pois passei-as com o meu querido Intel. Ele levou-me a um lugar que eu nunca pensei ir, à internet. Fui um bocadinho para o MSN, falar com o rato e também fui ao Hi5 aceitar o pedido de amizade do Google e da Yahoo.

Infelizmente, terminaram as férias e voltei à mesma rotina escolar e vou ver os meus amigos alunos novamente.

SE FOSSE O HOMEM MAIS PODEROSO

Rodolfo Cunha, 10.º F

Se eu fosse o homem mais poderoso do mundo e as minhas vontades fossem ordens, começava por fazer com que o Mundo fosse unificado numa nação só. Depois, equilibrava os recursos naturais igualmente, quebrando as guerras por causa da posse de produtos raros como o petróleo. Desmantelava todas as organizações que controlam a distribuição do poder pelo mundo e eliminaria todas as autoridades corruptas. Ordenava que a violência e o crime cessassem, pondo também fim à discriminação social que existe.

Acabava com todas as tendências políticas, éticas, religiosas e partidárias nos meios de comunicação social, para não termos de duvidar da veracidade dos factos que relatam.

Eliminava toda a publicidade comercial que existe em exagero para que todos pudessem ver as coisas como são e para que pudessem tomar as suas opções livremente.

Baixava os preços dos CDs de música e dos livros, fazendo chegar a altura em que os autores tinham a possibilidade de lançar os seus trabalhos de forma independente e sem serem controlados pelos bichos papões que são as editoras.

Obrigava todos os maestros e os seus músicos a darem concertos de fato de treino e chapéu virado para trás para se quebrar a ideia de que a musica erudita é chata e conservadora.

Facilitava o acesso das pessoas aquilo que gostam de fazer quer seja a vontade de querer ser instruído na área da pintura quer trabalhar na construção de rebarbadoras pondo desta forma um fim no ensino demasiado generalizado que existe hoje.

Ordenava que todos os dias fizessem um arco-íris artificial só porque é giro.

Criava uma lei que obrigasse as empresas da área em questão a produzirem headphones anti-choque porque estou farto de comprar uns novos de mês a mês porque os que tenho se partem sem nexo nenhum.

Faria também com que a guitarra deixasse de ser o instrumento da moda. Todas as cadeiras do mundo passavam a ser extremamente confortáveis.

Gostaria ainda que continuassem com as obras à frente da minha casa porque eu pensava que as casas eram para ser construídas e consequentemente habitadas, mas pelos vistos é só mesmo para chatear as pessoas, primeiro, com o barulho das máquinas durante bastante tempo e depois abandonarem o local deixando um cemitério de tijolos empilhados.

Pedia aos entendidos que arranjassem uma maneira das formigas não perseguirem os meus frascos de mel e demais compotas já que é extremamente repugnante. Gostava ainda que no Verão os mosquitos e melgas se evaporassem tal como os seus zumbidos irritantes.

Por fim, e quando toda a raça estivesse a viver em harmonia, ordenava que se utilizasse todos os recursos disponíveis na Terra para descobrir uma maneira de perpetuar a existência dos humanos noutro Planeta, seguindo o modelo de sociedade que eu construí em cinco minutos, que com certeza é melhor que o actual que se alimenta da burocracia e da incapacidade de mudar.



A MINHA VIDA EM CÂMARA LENTA!

Rosa Silva, 12.º J

A minha vida, até à chegada à escola Rocha de Peixoto, pode ser considerada feliz, animada, repleta de bons e grandes momentos, preponderantes no meu crescimento individual, psicológico e social. Como todas as pessoas, tive as minhas derrotas e vitórias. Pouco se aprende com as vitórias, mas com as derrotas muito! Com a entrada na Rocha de Peixoto, conheci novas ondas, naveguei por diferentes mares, isto é, conheci novas caras, personalidades, n conceitos, deparei-me com novas marés! A vida é enigmática e permite-nos o contacto com outras realidades. Cedo percebi, que existem duas maneiras de viver a vida: uma como se os milagres não existissem como se tudo fosse um milagre!

Vou citar as minhas maiores conquistas na Rocha de Peixoto, as minhas relíquias, os tesouros descobertos! Em câmara lenta, vou salientar algumas das pessoas que faço questão de nunca tirar do meu coração.

Primeiramente, vou falar acerca de mim, quem é a Rosinha?

A vida são umas férias que a morte nos dá, como ser racional, aprendi que devemos valorizar o presente, sempre com o olhar num futuro próximo. A minha mãe deu-me o nome de Rosa, nome de uma F@ e toda a sociedade que me conhece, trata-me por Rosinha. Sou uma Rosinha com PT bem definidas, bem estruturadas, donde se pode excluir os picos, pois a minha personalidade está muito vincada. Não existe maldade em mim, nem falsidade e muito menos a hipocrisia e o egocentrismo. Pelo contrário, eu sou bastante AG, D, A<3, gosto de P@, ajudar os outros e valorizo amizade verdadeira, isenta do pecado e do egoísmo! Estas características deveriam ser incutidas à nossa sociedade, impostas como máximas a seguir, regras a cumprir, acções a praticar.

Rosa, eu, S # com características semelhantes a tantos outros, porém, sou um G" S #, bastante diferente dos outros, pois sou ÚÚ! Represento a população activa – 'I' 'I' – porque sou capaz de criar coisas novas, projectos inovadores, dada a minha grande capacidade i *. *. Sonho em mudar o mundo e excluir todos os assassinos que matam compulsivamente sem dó nem piedade! Sou zZz, obviamente, com os pés bem assentes na Terra. Sou uma 'I' CP, ou seja, tenho ao meu redor as pessoas imprescindíveis da minha vida.

Construí uma C \i/, derivada de todas as aprendizagens efectuadas no meio social e familiar, sendo este um factor preponderante na minha formação. Sou uma personagem :) :-D! Sou ainda bastante T', apesar dos meus 23 anos!

Engano facilmente, pois tenho uma aparência de M:)(:). Já passei o patamar da adolescência e do egocentrismo, há alguns anos! O segredo da minha excelente conservação corporal e mental, é, sem dúvida, levar a vida na maior descontração possível, com um **/* SNC. Ah! e ter uma alimentação equilibrada ajuda imenso! Sou plenamente D e aprecio-me bastante por ser assim, pois, sublinho que as tristezas não nos ajudam a superar os problemas. Portanto, como a nossa passagem pelo Mundo dos vivos é escassa e complexa, de nada vale derramar as nossas preciosas lágrimas!

Sou uma AZ abc..., adoro escrever e dar asas á minha imaginação, pelo que não me canso de aprender conceitos novos, enriquecer o vocabulário. A leitura permite-me viajar sem gastar o meu precioso dinheiro. Porém, sinto uma leve tristeza por não ter disponibilidade para ler mais.

Reprovo solenemente as injustiças, se todos temos os mesmos direitos, consagrados na Lei, por que uns são marginalizados? Por que uns tem mais condições monetárias que outros? Gostaria de mudar esta realidade, punindo todos os envolvidos nesta diferença social.

Sou F&*, dou importância á minha aparência, quero sentir-me bem comigo mesma, mas não sou uma pessoa fútil. Gosto de estar bem fisicamente, logo, admiro o desporto, sou uma grande DS*, aprecio uma mente sã num corpo são. Estou certa, que uma das minhas qualidades é ser V/(). Falsidade cheira-se por tudo que é canto, eu noto nos rostos das pessoas, o quanto elas são falsas, mentirosas, invejosas... Mas o meu dever não é mudá-las, mas sim ignorá-las! Essas pessoas são como os mosquitos: fazem barulho mas não mordem. Porque eu sei defender-me. Considero-me *><* e R3". *><* já que reúno todas as peças importantes no meu puzzle da vida, e R3" porque essas peças tornam-me valorizada, fazem-me crescer e superar todas as barreiras que encontro neste Mundo. Nos meus tempos de lazer, gosto de conhecer novos lugares, enquanto os descubro, vou apreendendo novos conceitos e novas histórias .Aprecio o cinema, e tudo que envolva o passeio, logo, sou uma P=P regular.

E, como o melhor da vida se passa a dois, adoro namorar, sou uma jovem N<3<3, com o mesmo namorado, claro! Não vejo o namoro como uma espécie de brinquedo, que se troca com frequência. Sou uma jovem N&&, mas D><.

O meu mundo pode-se caracterizar como sendo cor-de-rosa, na medida em que tudo é bonito e nada ou quase nada é feio. E uma das pessoas, que tornam esse mundo bonito, é o meu namorado. Conheci o amor nesta escola, e na minha concepção, foi o destino que assim ditou. Eu e ele, primeiramente, tornámo-nos grandes amigos! Somos como duas crianças juntas, sempre na brincadeira.

Como é, afinal, o meu namorado? Quer ser caracterizado como sendo um A% de filósofo. Aprecia um bom enigma e busca a sabedoria! Luta para descobrir a origem das coisas, o porquê dos conceitos e o porquê das pessoas serem, quase todas, fruto da mesma árvore. Sei que posso contar sempre com ele, que estará sempre disposto a reconfortar-me. É um C&A e um HHH dotado de características físicas esbeltas e perfeitas, capaz, inclusivamente, deixar o sexo feminino ao rubro.

Conquistas enriquecedoras são, sem dúvida as amizades. Quando entrei para a escola, era uma desconhecida. Sentia-me como um pássaro sem asas porque não tinha ninguém em quem confiar, não tinha quem me agarrasse se eu caísse. Sentia-me perdida, era uma espécie de infiltrada! Todavia, logo conheci vários alunos/as e inseri-me, facilmente, no ritmo escolar e social.. Construí inúmeras amizades, amigos ESP! As minhas amigas eram bastante TL, mas eram VV, podia sempre contar com elas! Não sou preconceituosa, por isso dou-me com toda a gente. Descrimino quem deita fora uma amizade por causa da cor, cultura, aspecto. Adorei todos os grandes momentos que passei com eles/as: ri, chorei, gritei, saltei, abracei... AAs de verdade! Assisti e vivi, durante estes anos na escola, grandes períodos de uma incrível superioridade a nível de felicidade! São extremamente Ds, EX*, Qi*, MK e SUR. Uma verdadeira amizade é aquela que respeita o espaço e silencia o segredo!

PEÇ fundamentais numa escola: os professores. Pessoas dotadas de saberes preciosos, eles são PEÇ de carácter obrigatório na nossa aprendizagem. São SB, são sobretudo os nossos CF na escola, e devemos respeitá-los, mas obviamente que isso deve ser recíproco. Tive professores EÇ, onde as aulas eram animadas; tive outros que eram bastante CT e RIG. Mas sobretudo, eram S:js, AGs e HMs.

A sala de aula foi palco de todas as emoções, aprendizagens, alegrias, tristezas, vivências, amizades. Todas as salas de aula têm a sua história, uma lembrança visual e auditiva.

A minha relação com os meus colegas foi uma aproximação cuidadosa; como no passado presenciei casos de amizades falsas, agora, no presente, sou um pouco cautelosa. A inveja é a arma dos incompetentes! Sou humana, e como tal, tive as minhas inimizades, porém não dou lhes grande relevância apesar de terem sido muito importantes no meu desenvolvimento como pessoa. A amizade é uma nuvem de algodão doce! Um amigo não julga.

Esta escola proporciona ao aluno, um ótimo ambiente. Ela é GRN, de cor AML e ANT. É ACL e reúne todas as condições para um desenvolvimento excelente do aluno. É uma escola ANT e COM, bastante B&B e consegue dar satisfação aos alunos. Agora, no último ano escolar, questiono-me, como será o meu futuro depois da escola? Será que alguém, do mercado de trabalho, me dará oportunidade de trabalhar? Futuramente, desejo apenas ter quem admiro do meu lado, levar a vida como sendo umas férias, aproveitar ao máximo. Mesmo que o nosso sorriso seja triste mais triste é não saber sorrir.

O mundo está na minha mão; tenho de ter a coragem para sonhar, para correr riscos!



FOTO DO MEU PRIMEIRO DIA NA ROCHA

Tânia Faria, 10.º F

Quando eu vim pela primeira vez à Rocha, vi tanta gente na entrada que fiquei envergonhada. Os alunos eram quase todos grandes, pelo que me senti sozinha, triste, confusa a pensar que não arranjava amigos.

Nesse dia, dei por mim, a pensar muito na minha pessoa, na minha vida e quando alguém falava comigo, às vezes, respondia e outras vezes não, pois não ouvia. Estava alheada, centrada em mim. Nesse dia, acho que nem um sorriso dei.

Aos poucos, comecei a habituar-me à Rocha, aos colegas e aos funcionários. Passados muitos, muitos dias, começo a integrar-me nesta escola.

E até, já dei vários sorrisos.



A UNIÃO FAZ A FORÇA

Tiago Araújo, 10.º F

O despertador tocava, eram 7 horas e 30 minutos, e mais um duro dia de escola para enfrentar. Nesse dia, saí de casa com bastante sono, já que no dia anterior deitara-me tarde e nem o café me acordava. Adivinhava-se um muito desgastante dia de escola.

O caminho para a escola é um momento mais divertido. Vou acompanhado por dois colegas de turma, e nesses 15 minutos de caminho, falamos de tudo.

Uma vez chegados à escola, dirigimo-nos para a sala de aula. A primeira aula do dia, era de Inglês, uma aula de que todos os alunos da minha turma gostam. Simultaneamente à aula, ouviram-se rumores de que na escola secundária vizinha se verificava uma greve, onde eram reivindicados direitos comuns a todos nós, alunos.

Apesar de toda a escola ter ido à primeira aula, foi quase instantaneamente organizada uma greve na escola Rocha Peixoto para o resto do dia escolar, pelos mesmos motivos da greve referida anteriormente e que ninguém desconhece.

Tudo aconteceu muito rápido. O caos instalou-se em frente à escola, deixando boquiabertos os docentes, e, se calhar, o próprio Presidente da escola. O que se adivinhava um dia horrendo, passou a ser um dia diferente, um dia que qualquer aluno adora: um dia de greve. Surpreendentemente, e deixando de parte algumas rivalidades que por vezes existem entre as duas escolas aderentes à greve, os alunos destas, juntaram-se por uma causa que é nem mais nem menos a luta pacífica pelos direitos do estudante. Com a junção dos alunos das duas escolas, formou-se, na opinião de muitos, a maior greve de alunos dos últimos tempos.

Não falando em números, posso apenas referir que, de repente, ruas calmas e praticamente desertas, encheram-se com uma vasta “mancha humana”, repleta de protestos e contestação.

Ao fim de algumas horas, voltei a casa radiante, pois o que se passou naquele dia, foi a passagem de um pesadelo a um sonho.

Vou recordar este feliz acontecimento durante muito tempo, não só pela dimensão da greve que mobilizou os alunos, interessando-os pela vida escolar mas também, pelo facto de uma greve ser um acontecimento singular para qualquer aluno comum.

ÁRVORE DO JARDIM

Susana Patrícia Soares da Silva, 11.º N

Eu sou a árvore do jardim, sou alta e verdinha.

Dois corpos já me tocaram, um de joelhos e outro de pé, fitaram os meus olhos... Das minhas flores já buscaram a beleza de um amor, cruzaram-se na minha vista, dois corações sonhadores. Sonharam ficar juntos, trocaram o seu amor, esqueceram o coração e viraram-se para a dor.

Agora não se olham e perdem-se na solidão, choram quando me tocam e recordam a razão. Razão que se desconhece, em seus pensamentos se perdem, o amor que ambos sentiam não é o mesmo, tudo mudou.

Porquê? Por que não sabem amar?

Trocaram lágrimas, sorrisos e perdões mas tudo se afastou, jurei ajudá-los mas perdi a força, ao ver suas dores.

Um dia... chorei... e os seus corpos, voltaram a aparecer... ao longe senti a força de um amor para valer.

Minhas flores perdi ao ver tanto amor, chorei ontem, hoje e chorarei amanhã, porque amor, assim, nunca mais aparecerá.

Tentaram separá-los, com palavras maldosas, até já me magoaram com a força de um murro...

A força desse amor, venceu, não se perdeu no caminho das desconfianças, da falta de atenção...

Corpos sofridos de tensão, deixaram a dor da escuridão, porém um dia festejaram o dia da reconciliação.

Uma promessa aconteceu, e uma lágrima percorreu, ambos os rostos que se envolveram e juntos se encontraram.

De um beijo surgiu a esperança de um rumo, e que juntos percorreram.

Agora... aí, agora... outros tempos. Já não recordam, esse tempo tão longínquo, memórias belas mas sofridas, agora esquecidas.

Agora não recordam esse tempo tão longínquo, memórias belas e até sofridas, agora esquecidas

Já não me conhecem, aqui me esqueceram, as memórias já lá vão e as promessas que ouvi nas minhas folhas ficarão.

CONSTRUÇÃO CIVIL

Rudolfo Cunha, 10.º F

Ah! As obras! Apesar dos meus conhecimentos sobre construção civil serem bastante limitados, achei que seria engraçado dar a minha opinião ainda que ligeira sobre as obras que estão a decorrer na escola Rocha Peixoto.

O primeiro ponto giro nisto tudo, começa no facto de ter aulas ao som de todo o tipo de maquinaria. É uma verdadeira sinfonia de sons!

Mas nem tudo é mau. Algures, lá fora, deve existir algum estudo que comprove que barulhos irritantes potencializam a capacidade dos alunos assimilarem conteúdos lectivos.

Para além disto, existe uma falta de espaço, criando algo que gostaria de descrever como muito próximo do caos, nos dias de chuva.

Existem também alguns episódios caricatos relacionados com os trolhas que, por respeito aos mesmos e pela necessidade de preservar a sua integridade, fica só entre quem os presencia.

Moderamente gira, foi também aquela vez em que me dirigia para os balneários da piscina, quando comecei, de repente, a ouvir a buzina de um camião que, para meu espanto, estava parado a meu lado. Eu tive de sair porque o camião ia descarregar material.

No entanto, e ainda que não pareça, não tenho nada contra as obras, pois só com elas é que se consegue modernizar, remodelar, enfim criar melhores condições de trabalho para todos.

Só espero que este não seja mais caso típico de obras públicas, onde se pára o trabalho durante meses, sem razão aparente.

Não questiono a necessidade de haver obras. Só questiono o facto de decorrerem durante os períodos lectivos.

AS INSEPARÁVEIS DA ROCHA

Tânia Guimarães, 12.º J

Foi na escola Rocha Peixoto que este grupo se formou ...e que posso eu dizer sobre ele?

Somos cinco meninas que se conheceram há dois anos, pois felizmente ficamos na mesma turma, e parece que isso não aconteceu por acaso. Hoje, estamos tão unidas que nada no mundo nos vai separar. O nome delas? A Patrícia (mais conhecida por Patty Girl), Tânia (eu), Sandra (a Mikuta), Catarina (a Sexy) e a Daniela (a nossa Ratinha). Não é difícil pois não?! Mas eu e a Patty Girl é que nunca nos largamos, somos duas em uma. O nosso grupo é o nosso grupo, ninguém nos iguala, somos as maiores doidas que pode haver na Póvoa!

Os nossos momentos mais divertidos são os que acontecem quando menos esperamos: em pleno café, na rua, no bar da escola, ou até nos corredores. Tudo serve para os nossos momentos mais "in": cantámos músicas enquanto andamos pela rua, ou fazemos cenas, e filmamos as cenas em que nos passamos completamente num café, ou até no bar, fazendo barulho, pegando umas com as outras, de tal modo que todos param para nos olharem. Estão a ver quem é conhecido nesta escola?

Mas, não somos sempre unidas, também temos as nossas divergências, o desentendimentos e zangas umas sem razão, outras por desacordo de opiniões ou, pura e simplesmente, porque estamos sem disposição para aturar os outros.

Os nossos momentos inesquecíveis são quando nos unimos de forma inigualável porque queremos fazer o nosso melhor: as apresentações de dança, os cafés concerto são a prova do nosso empenho e dedicação.

O trabalho durante estes três anos foi muito, mas recompensador. As roupas, o cenário, tudo preparado pela turma e pelo professor responsável, define a turma como criativa, e no fundo até como somos. Na verdade, o texto do teatro do primeiro café concerto foi escrito por nós. É óptimo, no final de cada café concerto ver que as pessoas gostaram do que viram, aplaudiram-nos e que o flash das máquinas fotográficas durante o espectáculo disparou imenso.

Mas nem tudo é divertimento. Também temos as aulas, os testes, trabalhos, os professores, tudo isto faz parte da escola. As aulas não são algo de que gostemos, mas temos que admitir que foram muito importantes para sermos o que somos hoje e sinto que, principalmente, a disciplina de PAS (Práticas de Apoio Social) foi importante para mudar o meu pensamento. O meu grupo, muitas

vezes, parou para reflectir sobre tudo o que demos nas aulas e concluimos que, realmente, o mundo não é o que imaginámos e que nem todos têm a mesma sorte. Pensámos mais maduramente e começámos a ajudar aqueles que têm problemas, a não ajuizar as pessoas nem pela sua aparência, nem pelo estatuto económico.

Apesar de termos mudado com as reflexões que fizemos, as aulas não têm só coisas boas. Ainda por cima, este ano lectivo é tudo menos divertido: a nossa Rocha está em obras e parece que vão durar ainda algum tempo. Torna-se difícil ter aulas e as aulas práticas então, nem se fala!!! Em TEXCO (Técnicas de Expressão e Comunicação) por exemplo, como é uma disciplina muito prática não é fácil estarmos num espaço tão restrito, sem condições a trabalhar, tornando-se complicada a execução dos trabalhos que nos são propostos. Já as aulas de E.F. (Educação Física) muitas delas nem as fizemos, devido à falta de espaço ou ao mau tempo, ficando assim, complicada a concretização do plano de aulas ou até as avaliações dos alunos. E com os novos regimes de faltas, os atrasos e mais isto e aquilo, nós alunos, ainda ficamos a perder.

Quando as obras terminarem, a Escola Secundaria Rocha Peixoto vai estar como nova, e vai ser um modelo para muitas escolas, por isso todo este transtorno vale a pena, sobretudo para os alunos que virão.

Estes anos foram fantásticos e devo isto à Escola Rocha Peixoto, pois aqui as minhas amigas que tanto adoro e que são tão importantes. Bem, importantes? Elas?! Não são só elas, toda a turma é importante, e nunca esquecerei estas meninas...ah...e meninos!

Mas, é obvio que o meu grupo não sairá do meu coração, pois somos inseparáveis!

Preocupa-me saber que quando o 12.º ano terminar, cada uma de nós se separará, umas para entrarem no mercado de trabalho, outras para prosseguirem estudos; todas lutaremos pelo nosso futuro. E isto preocupa-me imenso, ainda que estejamos sempre a dizer que nos vamos manter em contacto.

Espero estarmos constantemente juntas, em festa umas com as outras, a passear pela tão bonita Póvoa de Varzim, de preferência até à velhice. Nessa altura, vamos estar juntas, todos os dias, para o chá das cinco horas, ou talvez não... veremos!

NOVA ESCOLA, NOVOS AMIGOS

Sandra Martins, 12.º J

“Escola”. Muita gente define escola como um local de seca mas, afinal, é onde mais nos divertimos e, principalmente, onde fazemos novas amizades.

Cheguei ainda uma criança da Córsega e fui para a Escola Básica de Rates onde não conhecia ninguém porque era uma rapariga muito SM, o que tornava a situação mais difícil.

No primeiro dia de escola, uma rapariga falou comigo e foi assim que fiz a minha primeira amiga em Portugal. Mais tarde, conheci muitos jovens da minha idade, que me definiam como sendo a rapariga SM, SS, MS, SMF...

Até ao 9.º ano as amizades tornaram-se maiores e mais fortes e tornei-me mais SMT e SMTK. Acabado o 9.º ano, fui para a Escola Secundária Rocha Peixoto, onde vi pessoas de todo o tipo: dreds, betos, surfistas, pessoas com personalidades e estilos diferentes.

Quem é o meu grupo? Eles são os melhores amigos do mundo: a Daniela Castro é uma miúda muito A, B, C e muito D em tudo o que faz; a Rosa Lopes, a menina de Negreiros é E, F, muito G e H; a Catarina Guimarães é a mais I de nós todos, é igualmente J, muito K, e L dos seus amigos; a Patrícia Loureiro, a menina de olhos azuis da Póvoa de Varzim, aparentemente é muito reservada e tímida mas quando a conhecemos melhor ela é M, N, O e igualmente P; a Tânia é muito Q, para ela tudo se faz sem stress, “o que tiver de fazer amanhã faço outro dia, não há problema”, é a R em pessoa mas é uma rapariga muito S e T; e por fim o único rapaz do grupo, o Renato, o Brasileiro, é muito U, V, X e também é Y, não gosta de se meter em problemas por isso, fica no seu cantinho. Este é o meu grupo: somos todos diferentes, temos personalidades únicas, o que nos completa como grupo.

Mas estes momentos especiais foram os únicos que passamos juntos? Respondo com clareza e certeza que não. Todos tivemos a oportunidade de conhecer o nosso lado artístico: eu descobri a minha paixão pela dança. Uma das actividades de final de ano foi preparar o “café concerto”, no qual fizemos uma peça de teatro redigida e construída por nós e ainda um concurso teatral de dança (Hip hop). Assim, aprendi a fazer coreografias.

No 11.º ano criámos um grupo de animação: “As Jotinhas” para animar festas para crianças. A primeira festinha foi extremamente cansativa mas muito divertida e gratificante. Todas aquelas “pestinhas” encantaram-se connosco, a ponto de quererem arran-

car-nos as calças de palhaço, roubarem-nos as bolas de malabarrismo, correrem atrás de nós sem parar e nós atrás delas.

Mais tarde, fizemos animação de rua e foi realmente do que mais gostei, pois descobri o mimo que tinha escondido dentro de mim. Eu e a Rosa percorremos toda a rua da Junqueira e a praia, animando sem parar. Nessa ocasião, conhecemos ingleses, alemães, brasileiros, finlandeses... muitos deles queriam oferecer-nos dinheiro pelo belíssimo trabalho que estávamos a fazer, mas nós não aceitamos, é claro!

Estas actividades de animação de festas de crianças, escolas primárias ou de rua estão gravados em fotos e vídeos.

Este é o nosso último ano. Sabemos que a escola acabará um dia porém, separados, empregados, casados, no estrangeiro ou cá, nada deste mundo apagará a nossa amizade porque: "as verdadeiras amizades prevalecem sempre, independente do rumo que cada um tomar".



MEU QUERIDO DIÁRIO:

Sílvia Vilacova, 11.º N

No meu primeiro dia na ESRP, estava muito hiperactiva e ao mesmo tempo desiludida; hiperactiva pois vinha para uma nova escola, conhecer novas pessoas, entrar num novo ritmo. Desiludida porque tinha deixado a escola onde tinha todos os meus amigos e não só: as funcionárias que eu adorava, a Sra. do quiosque que sempre me cumprimentava com delicadeza e que apesar de não ser da escola, fazia parte da minha rotina.

Quando entrei na escola, tinha já conhecimento que esta era uma escola rígida, com regras específicas que eu teria de cumprir. Observei nesta escola várias diferenças em relação às anteriores. A primeira foi nas pessoas que a frequentam. Fiz uma ideia errada, julguei que as pessoas da Póvoa e as que frequentam a ESRP são pessoas com manias. A segunda diferença foi o toque da campainha. Aqui, os alunos ouvem o toque e aguardam junto das salas, coisa que eu nunca tinha visto noutras escolas onde andei.

Fui descobrindo muitas mais... “Já não estou numa escola básica, estou no secundário” pensei.

A primeira impressão da minha turma foi maravilhosa, foram todos muito acolhedores, gostei muito.

A escola em si é muito bonita por dentro, por fora não se pode dizer o mesmo. O jardim, o bar enorme, e as funcionárias são tão queridos...

Acho que vou gostar imenso desta escola.

JUNTAS VENCEREMOS, DIVIDIDAS CAIREMOS! Renata Ferreira Dias, 12.º J

Terminadas as férias de Verão, um novo ano esperava-me com experiências singulares: a entrada de novas pessoas na minha vida, professores e funcionários novos, uma escola nova. Eu estava bastante empolgada por saber que a minha vida iria mudar. Talvez devesse estar triste e não contente, porque afinal iria afastar-me de pessoas com quem já falei sobre variadíssimas coisas, com quem vivi várias experiências. Contudo, também é verdade que estava um pouco farta da vida que tinha, apetecia-me que a minha vida desse uma reviravolta enorme.

Inscribi-me com uma amiga da mesma turma do 9.º ano, no curso Tecnológico de Acção Social da Escola Secundária Rocha Peixoto. Ela viu as turmas afixadas e avisou-me, por mensagem, que não tínhamos ficado na mesma turma. Isto assustou-me um pouco, porque não esperava de ter que encarar uma turma completamente nova e porque não me dava lá muito bem com a única pessoa que lá conhecia.

O dia da apresentação não foi nada de especial, não fui muito com aquela turma e fiquei desanimada, até pensei em sair da escola. Mas para minha felicidade, este grande azar só estava a acontecer devido a um engano nas matrículas: estava numa turma com Inglês mas matriculara-me a Espanhol, por isso, tratei logo da transferência de turma.

No dia 25 de Setembro fui apresentada à minha nova turma onde a minha recepção foi espectacular. As pessoas eram completamente diferentes, muito mais simpáticas, tinham outro à-vontade.

A primeira aula com aquela turma foi de TEXCO (Técnicas de Expressão e Comunicação), com o professor Rui Oliveira. A partir daquele momento que comecei a conhecer, aos poucos e poucos, os meus verdadeiros amigos.

Uma das melhores experiências escolares foi a realização das minhas primeiras peças de teatro, seguido do 1.º Café Concerto, no final do ano lectivo. No início, o Café Concerto, não me suscitou grande interesse. Se já me sentia um pouco inibida a representar para a minha turma, quanto mais para a escola quase toda. Com o tempo, fui aprendendo a estar minimamente preparada para falar para uma multidão, porque afinal o meu futuro obrigar-me-ia a tal.

No 11.º ano, formamos o Projecto das “Jotinhas”, com o objectivo de prestar serviços de animação nos eventos infantis realizados nos espaços da escola. Durante esse tempo, juntei-me com quem mais me identificava nos gostos, projectos e formas de pensar.

Cheguei ao 12.º ano com um grupo de sete amigas fantásticas, a minha segunda família. É com elas que me sinto feliz, porque sempre estiveram do meu lado, nos momentos maus e bons. Foi com este grupo que saí pela primeira vez à noite, que vivi momentos hilariantes fora e dentro da escola, que chorei nas orais de Português e nas aulas PANSO quando falava do valor da amizade e com quem fiz os primeiros trabalhos com as crianças. O meu grupo ajudou-me a ultrapassar a dor do falecimento da minha avó materna confirmando o nosso lema: "JUNTAS VENCEREMOS, DIVIDIDAS CAIREMOS!".

Este é o meu último ano escolar (espero eu), por isso já comecei a pensar no meu futuro, ou seja, na decisão que tomarei: ou continuar a estudar ou acabar por aqui os meus estudos. Neste momento, os meus planos são tirar um curso na área da Educação Básica na Universidade Politécnica de Beja, visto que lá a média é-me acessível, o alojamento gratuito e porque vou juntamente com as minhas amigas. Talvez no final deste curso, tire ainda um de animação para aprofundar mais os meus conhecimentos nesta área.

Bem, foi por todas estas vivências e pelo que aprendi nesta escola, que estes anos escolares foram os que mais gostei de ter vivido!

ESCOLA ASSOMBRADA

Patrícia Pereira, 12.º J

Tudo aconteceu num dia normal, igual a todos os outros.

Duas amigas, a Rita e a Inês chegaram juntas, para mais um dia de aulas na Escola Secundária de Rocha Peixoto. Porém mal sabiam que esse dia seria inesquecível.

No final da aula de Área de Integração, foram guardar os materiais na sala de arrumações. Do fundo da sala, ouviram uns ruídos estranhos, ficaram cheias de medo e saíram a correr.

No intervalo, as duas comentaram o que tinha acontecido e pensaram que, possivelmente, poderia ter sido um rato que fez aquele barulho assustador.

Nas aulas seguintes, sempre que iam guardar as coisas, ouviam o mesmo barulho e, até, pareceu-lhes terem visto a sombra de uma pessoa.

Depois do que tinham visto na sala de arrumações, pensaram que a sala estava assombrada e, então contaram ao Miguel e à Cátia.

Os quatros amigos foram até à sala de arrumações, a suposta sala assombrada, e todos ouviram os mesmos barulhos, achando tudo aquilo muito estranho.

Já no exterior da escola, decidiram investigar por isso, combinaram ficar na escola até mais tarde no dia seguinte, no fim das aulas. Entraram na sala de arrumações, sem que ninguém os visse, porém não ouviram nenhum barulho. Foram até ao fundo da sala, mas não encontraram nada de estranho que pudesse ter provocado os tais barulhos. Então, foram para casa, a pensar no assunto.

Contudo, sempre que iam à sala de arrumações guardar o material, ouviam sempre os tais barulhos esquisitos.

No dia combinado, lá foram os quatro, novamente à sala, no final das aulas. Desta vez, sim, ouviram os tais barulhos estranhos que eram tão altos e assustadores, que nem se atreveram ir até ao fundo da sala desistindo da investigação.

Já fora da escola, matutaram sobre a origem daqueles barulhos. Nada lhes ocorria, o Miguel, a brincar, disse que a sala estava assombrada, que aqueles barulhos eram os fantasmas de alunos que tinham morrido ou sido assassinados naquela sala e que agora queriam vingar-se. Eles queriam fazer com que a escola fechasse, assustando assim os alunos que lá fossem. A Inês e a Cátia acreditaram mesmo e ficaram com muito medo, mas a Rita queria descobrir a causa daqueles barulhos. Por isso, passados uns dias, a Rita falou com o Miguel e conseguiram convencer as duas amigas a voltarem à sala.

Os barulhos persistiam. Ao arrumarem umas mesas e caixotes que lá havia, encontraram uns cobertores, parecendo que tinha estado alguém ali a dormir. Quem seria? Procuraram, mas não encontraram ninguém, e vieram embora. Quando iam para casa, viram alguém a entrar na escola e não associaram este facto aos ruídos na sala de arrumações.

Os quatro amigos questionavam-se sobre quem seria a pessoa que entrara na escola. A Rita lembrou-se, então, dos cobertores e associou a pessoa que tinham visto à mesma que dormia na sala de arrumações, sem ninguém saber. Os seus amigos acharam que ela estava a ver muitos filmes, mas a Rita insistiu tanto que convenceu os outros a voltarem lá para confirmarem as suas suspeitas.

No dia combinado foram à sala de arrumações. Já estavam cansados de esperar mas, nada acontecia. Estavam quase a adormecer, quando ouviram um barulho e ficaram muito quietos para verem o que seria. Viram um vulto a entrar pela janela, passar junto deles, mas nem os viu. O vulto parecia um mendigo que se deitou e cobriu com os cobertores.

De repente, a Inês não conseguiu aguentar e espirrou. O mendigo deu um salto, e quando viu os quatro, ficou assustado. Eles começaram a gritar, e ele pediu-lhes para não fazerem barulho, pois não lhes iria fazer mal. Eles lá se acalmaram, e fizeram-lhe imensas perguntas.

O mendigo pediu-lhes para não contarem a ninguém da sua existência, porque se soubessem que ele dormia ali, expulsá-lo-iam dali e ficaria sem sítio onde dormir. Contou-lhes a sua história e os quatro amigos ficaram tão comovidos que decidiram ajudá-lo. Falaram com o Presidente da Escola, explicaram-lhe a situação e pediram-lhe para arranjar um sítio onde o mendigo pudesse viver.

E assim, desvendaram o mistério da sala assombrada.

O PRIMEIRO DIA NA ROCHA PEIXOTO

Ricardo da Silva Macedo, 10.º F

Vim da Escola EB 2,3 de Beiriz que é uma escola muito diferente da escola Rocha Peixoto.

Eu, no primeiro dia de aulas, quando cheguei à esta escola, não conhecia ninguém: professores, funcionários e colegas de turma, tudo me era desconhecido.

Apesar da Escola Rocha Peixoto estar em obras, mesmo assim, ao longo do 1.º período, fui-me habituando à escola nova que vai ser reconstruída para ser adaptada aos alunos de cadeira de rodas.

Eu gosto muito da Escola Rocha Peixoto.



A MUDANÇA

Joana Lima, 12.º J

Matilde tinha apenas doze anos quando soube durante as férias de Verão que tinha sido transferida para uma escola secundária e aí ia iniciar o sétimo ano, começando nesse momento uma longa temporada nessa escola.

Matilde era uma menina muito tímida, caladinha, bastante teimosa e muito insegura, por isso ficou muito receosa quando soube da grande mudança ocorrida na sua vida. No dia de fazer a matrícula, quando entrou naquela escola pela primeira vez, esta pareceu-lhe imensa. Contudo ficou mais contente quando soube que toda a sua turma desde o quinto ano seria também transferida.

Quando chegou o primeiro dia de aulas, foi assustador, de novo aquela escola imensa, completamente diferente da anterior, com pessoas muito mais velhas e com regras muito diferentes. As colegas novos pareciam ser muito simpática... Matilde continuou a andar com as suas velhas amigas e a dar-se muito bem com as novas colegas.

Ainda que na adaptação nem tudo fosse fácil, as notas foram boas, apesar de o nível de exigência não se comparar ao de uma básica.

Foi um ano de inúmeras mudanças e de muitas recordações que a vão marcar para sempre. Depressa chegou o oitavo ano, nessa altura voltaram a entrar alunos novos, na maioria rapazes.

As aulas deixaram de ser sossegadas e passaram a ser um pouco mais animadas do que deveriam: o que agradava aos alunos mas não agradava muito aos professores. Nessa altura as amizades de Matilde mudaram. As novas colegas do sétimo tornaram-se nas suas melhores amigas; o rendimento desceu um pouco, pois teve disciplinas que causaram algumas dificuldades, mas tudo foi superado. Começou o nono ano, o ano das grandes decisões. Qual seria o curso a seguir no final do ano? Faria a escolha correcta? Como conseguiria decidir? Muitas dúvidas surgiram, mas a realização de uns testes, feitos com a psicóloga da escola, esclareceram todas as dúvidas sobre os cursos. No final, escolheu o Curso Tecnológico de Acção Social

que implicava mais três anos na Escola Secundária Rocha Peixoto. Para além desta decisão o momento mais marcante do nono ano para Matilde, foi o baile de finalistas realizado pela sua turma, no ginásio da escola. O ginásio pareceu imenso para uma única turma, foi uma noite muito bem passada que marcou a separação da turma e a saída de uma das suas melhores amigas que ia desistir da escola.

As férias desse ano foram um pouco complicadas para Matilde. O décimo ano prometia trazer grandes mudanças, para as quais não estava muito receptiva, pois teria uma turma nova e não sabia se a Lara, tinha escolhido o mesmo curso, estaria na mesma turma. Seria muito bom, enfrentar esse novo desafio, com alguém em quem confiasse, e com quem tivesse uma grande cumplicidade.

Quando saíram as turmas, chegaram as boas notícias, ficaram juntas. O novo ano correu bem a nível de qualificações, apesar de Matilde estar um pouco receosa, pois tinha duas disciplinas novas, Filosofia e Psicologia, sobre as quais tinha uma ideia bastante negativa. Como era de esperar fez novas amizades, pessoas novas que também vão marcar para sempre o seu percurso escolar. No final do décimo Matilde já estava um bocado cansada de estudar, queria muito sair da escola, mas também sabia que dois anos passavam rápido e que não valia a pena desistir naquele momento.

No décimo segundo, teria de optar entre duas disciplinas, um projecto para realizar e um estágio para fazer. Todavia Matilde não quis sequer pensar nisso, mas sim aproveitar as últimas férias escolares de Verão.

E assim o fez. Foram umas férias fantásticas, viajou até à Suíça e aproveitou bastante o facto de não ter de fazer nada.

Setembro e estava de volta à escola. Um regresso um pouco estranho, pois tudo estava mudado na sua escola, e o motivo dessa mudança eram as obras.

Estava tudo um bocado confuso. Algumas aulas decorreriam em pré fabricados e havia certos serviços prestados pela escola mudaram de lugar.

Além das mudanças do espaço, outras mudanças ocorreram. Matilde passou a ter muitas horas de uma mesma disciplina semanalmente, além de um projecto para apresentar no final do ano e um estágio para a realizar. Todas estas alterações assustavam um pouco a minha amiga, porém após as primeiras semanas, os medos e inseguranças desapareceram.

Sobre o décimo segundo ano, Matilde ainda não pode tirar conclusões, pois ainda não o terminou. No entanto espera que consiga acabar o ano com êxito.

Em suma, Matilde está a completar o seu sexto ano na Escola Secundária Rocha Peixoto, local onde passou maior parte da sua vida nos últimos seis anos onde viveu momentos muito marcantes que recordará sempre. Foi aqui que ocorreram as maiores mudanças da sua personalidade, que conheceu algumas das pessoas queridas da sua vida que a vão acompanhar sempre.



UMA VIDA PASSADA AQUI...

Judite Catarino, 12.º J

Estávamos no verão 2006 e tinha acabado o 9.º ano. Nesse Verão trabalhei num restaurante. Depois de um mês intenso de trabalho, vendo todos os turistas a passear pela praia, aproveitando o sol da manhã até ao pôr-do-sol víamos que realmente o mar, a areia e o sol era o local escolhido para os “amantes” da praia passarem um dia perfeito. A praia era rodeada por inúmeros restaurantes, cafés e apartamentos com piscina.

Aproximava-se o fim do mês de Agosto e já se notava que os turistas regressavam à sua terra, para iniciarem mais uma época de trabalho e os seus filhos iniciarem mais um ano lectivo.

Este também foi o meu caso. Faltavam duas semanas para iniciarem as aulas, e eu já sentia um nervosismo dentro de mim, pois iria conhecer uma escola nova e totalmente diferente do ciclo, novos professores e claro colegas e amigos novos.

Chega então, dia 15 de Setembro. É o dia da apresentação da turma do 10.º J. Apesar de não ir sozinha para a turma, sentia uma grande curiosidade de conhecer todos e receio por não saber quem iria encontrar na turma, pois seriam as pessoas com quem teria de conviver durante três anos lectivos. Entrei então na sala de aula para a apresentação com a directora de turma. Havia diferentes pessoas, com diferentes feitios, cada um à sua maneira. Após vários meses de convívio, criámos amizades, divergências e algumas inimizades entre os elementos da turma devido a ciúmes ou até mesmo, inveja.

Numa turma, é normal existirem certas divergências, ficando a nossa turma dividida em grupos. O grupo em que me inseri, com quem me sentia verdadeiramente bem, era constituído por 12 pessoas com feitios diferentes mas com uma grande amizade entre elas. Durante os almoços, expúnhamos em frente a todos, os elogios e as críticas que atribuíamos a cada um desde o início do ano. Várias brincadeiras, risos, tristezas, choro, passaram pelo nosso grupo e pela nossa turma, mas com a aproximação do final das aulas, os sentimentos chegam à “flor da pele” e que senti que dois meses de férias serão os mais longos de sempre, pois os amigos que descobri nesta turma faziam-me bastante falta.

Este ano iniciou-se com uma grande alegria e saudades uns dos outros. Começamos desde logo a partilhar as nossas aventuras no verão, as companhias, as saídas à noite, a praia, ... Mas mal entrámos na sala para a apresentação, reparámos que existiam

dois alunos novos. Para uma turma com bastantes raparigas, seria necessário existir uma convivência com estes dois rapazes, como se fossem umas autênticas raparigas.

O primeiro período é marcado pelas brincadeiras, pelos risos e pelas fotos. Foi neste período que a minha queda foi marcante: jogávamos às escondidas, de repente caí numa “armadilha” e só me espalhei-me no chão, para risota de todos. Passa o 11.º ano a correr, sem darmos conta pelo tempo passar e chega o verão de 2008.

Chega o dia 14 de Setembro e inicia-se mais um ano lectivo, o 12.º ano, o último.

Três meses depois, apenas há para referir que criei relações de amizade ainda mais fortes do que nos dois anos lectivos anteriores. Tenho a certeza que tenho amigos verdadeiros, cada um à sua maneira, mas nos quais posso confiar.

No início do ano, numa aula específica, tivemos que falar daquilo que poderíamos mudar em nós, e do que nos marcara ao longo da nossa vida. Esta reflexão fez com que as emoções viessem à “flor da pele” e, ainda, serviu para nos conhecermos melhor.

No futuro, espero que os amigos se reencontrem e recordem todos os momentos passados na Póvoa de Varzim: os medos, as aventuras, as brincadeiras, os risos, as gargalhadas, as tristezas, estão gravados na memória de cada um de nós. Terminando, posso afirmar que estaremos juntas em qualquer momento, em qualquer lugar pois como nós sabemos juntas venceremos mas divididas cairemos. Não somos nada umas sem as outras.

MEMÓRIAS GRAVADAS

Daniela Castro, 12.º J

Eu, Daniela Castro, vou contar passagens da minha vida no secundário, na Escola Secundária Rocha Peixoto. Estas são passagens que ficaram e para sempre ficarão na minha memória a longo prazo.

Quando estava a acabar o nono ano, queria seguir algo relacionado com artes manuais e pintura, fui visitar a Escola Secundária Rocha Peixoto fiquei a conhecer os cursos lá existentes e um deles suscitou-me algum interesse, o Curso Tecnológico de Acção Social que mudou a minha vida, a minha maneira de ser e de ver as coisas.

Quando começaram as aulas, só conhecia duas pessoas, a Andreia e a Goreti, mas com o decorrer do tempo, integrei-me na turma e das novas amizades que fiz formou-se um grupo. Ao todo éramos oito, a Sandra, mais conhecida por Mitokinha era uma pessoa um pouco fechada, mas com o passar do tempo mostrou-se extrovertida e uma boa ouvinte e conselheira, a Tânia é engraçada, a Catarina, mais conhecida por Sexy é a mais alta do grupo, a Patrícia Loureiro, a Patty Gril é muito simpática, capaz de fazer sorrir os outros quando estão mais tristes, a Rosa é amorosa, a Patrícia Pereira, a Tixa é bem-disposta. Tal como eu, são todas muito teimosas E eu sou mais conhecida por Ratinha. Esta alcunha foi-me dada na primeira classe mas não me perguntem porque me puseram essa alcunha, porque eu não sei a resposta.

Neste longo ano, vivemos momentos mágicos, desde o agradável ao desagradável. Começamos por fazer as coisas em conjunto, desde as brincadeiras até trabalhos de grupo.

Durante o decorrer deste ano, de todos os professores que tivemos, só um ficará marcado na minha memória: estimado professor de TEXCO, Rui Oliveira, denominado Faísca. Com ele ninguém estava parado e assim foi até ao final do ano.

Na última semana de aulas tivemos que dar muito ao pedal para fazermos uma boa figura no Café Concerto. O Título da peça era "Mundos diferentes" e tratava-se de dois grupos, das Dred's e das Betas, de uma escola que se encontram num concurso de dança, onde a rivalidade de ambos os grupos se sente do princípio até quase ao fim da peça. Fizemos uma boa representação que nunca esqueceremos.

Já no décimo primeiro ano, encontramos novos elementos na turma, "os dois emplastos", o Ricardo que é muito conhecido por Riky e o Renato que é muito conhecido por Jacobs, o brasileiro.

Eles, logo se integraram na turma e no nosso grupo, mas o Ricardo, que é uma pessoa espectacular, com muito poucos defeitos afastou-se um pouco do nosso grupo e integrou-se noutro porém a amizade continua igual, o mesmo brincalhão de sempre. O que era, não deixou de ser.

O Renato encontrou-se com a Rosinha e vice-versa. Agora, os dois não se largam, fazem um belo casal e também se afastaram do grupo. Bem, não foram os únicos, a Tixa também se separou do grupo e pouco falamos. É assim que tudo se passa, uns ficam e outros vão-se embora.

Este ano, foi aquele que mais me marcou. Lembramo-nos como a Escola era antes e o que era agora. Sim, nem se compara! o espaço era grande e agora ficou reduzidíssimo, ter aulas em contentores, que seca! Tinha logo que ser no nosso último ano de escola, que azar! E é claro, as manhãs e, de vez em quando, nas horas de almoço, na biblioteca a ver filmes, pena que não tenha filmes mais interessantes, mas divertímo-nos na mesma.

Mas, nem tudo foi um mar-de-rosas. Houve umas discussões no meio quase no fim do ano, mas se não fossem estas discussões a nossa amizade seria muito monótona. CORTE

No fim do décimo primeiro ano, realizamos, novamente, um café concerto, que na minha opinião, não correu muito bem, a minha actuação foi excelente, pois disse falas que, anteriormente nos ensaios, não tinha conseguido dizer. Isso foi muito importante para mim, porque confiei na minha pessoa.

O décimo segundo ano, está a correr muito bem e nós continuamos as mesmas tolas de sempre.

Também passamos momentos agradáveis com os nossos professores e é claro que há sempre aqueles de quem gostamos mais. Para mim o professor de TEXCO do décimo ano será lembrado pelas aulas espectaculares, onde ríamos quando tínhamos que rir e trabalhávamos quando tínhamos que trabalhar. Havia sempre tempo para tudo.

Enfim, foi nesta escola, que já não é o que era, que tive momentos de brincadeira, de estudo, de zanga, de cenas que só mesmo vendo, que construiu novas amizades é com elas que quero partilhar muitos mais momentos na minha vida.

Adorei conhecê-las e fico muito contente por ter escolhido um caminho que me levou ao encontro de pessoas que fizeram mudar a minha vida e a forma de ver o mundo.

Isto é só para quem vai ler: vivei a vida, aproveitai o tempo que pode vos ser roubado por causa da responsabilidade, mas acima de tudo vivei-a em liberdade.

Vive-a, mas não abuses.



OS MELHORES ANOS DA MINHA VIDA

Cristiana Ribeiro, 12.º J

Tudo de bom que aconteceu na minha vida, passou-se na escola Secundária de Rocha Peixoto, mais propriamente com as “J” (Jotinhas), o meu grupo de amigas que integrei desde a minha entrada para o 10.º ano.

Considero-os os melhores anos da minha vida, porque aqui pude partilhar inúmeras situações boas e menos boas, e que um dia a maioria de nós irá separar-se no entanto sei que sentiremos saudades das conversas deitadas foras, dos sonhos que juntos concretizámos, dos momentos de lágrimas, dos risos, dos momentos vividos enquanto grupo. Sei que tudo isto teve influência no presente e terá no meu futuro.

Como todos os seres humanos, somos todos iguais e todos diferentes. A piada está em sermos diferentes, pois talvez assim tenhamos curiosidade em descobrir isso nos outros. Se temos amigos é porque nos identificamos com eles, ninguém é igual, nós somos seres únicos. Eu tenho as minhas qualidades – sou meiga, amiga, companheira, honesta, divertida, mas, às vezes tento agir de uma maneira que considero certa e nem sempre é. Enfim, gosto de ser eu e não ter de mudar para agradar a alguém. É claro que sei como devo agir com as pessoas porque meço as palavras antes de as dizer. Aqui entram os meus defeitos – detesto ser pressionada, sou teimosa, orgulhosa. Por vezes, queria agir menos com o coração, porque lá no fundo nunca me sinto recompensada e isso torna-me uma pessoa sensível.

Todas aquelas atitudes que me condicionavam em tudo o que fazia, todas aquelas maneiras de ver as coisas que faziam com que eu desistisse do que realmente queria e que me faziam desistir do que me fazia feliz, aquilo que, afinal, fazia parte de mim e que eu, simplesmente, punha de parte, mudou.

A partir de agora, tudo o que farei será sempre, se depender de mim e me for permitido, definitivo, porque a nossa vida não é um ensaio nem uma preparação para uma próxima, mas sim, esta mesma é aquela que já entra em jogo.

A turma “J” nos dias de hoje está mais incompleta, porque uns colegas nossos partiram, talvez para irem à procura de algo que os complete ou até porque nós não escolhemos. O destino é que decide. As pessoas que passaram pela minha vida deixaram seguramente marcas, de uma maneira boa ou não, marcaram um sentido nela. Um dia, quem sabe, todos nós nos encontraremos para recordar os momentos vividos.

Quando o meu 9.º ano estava a acabar, senti medo de ingressar no secundário, por não conhecer ninguém, por ser uma escola nova, enfim mais uma mudança brusca na minha vida. Separei-me de outros amigos e senti uma insegurança enorme, o medo de ser rejeitada pela turma nova. Mas, no meu primeiro dia de aulas, esse medo foi passando, pois senti que tinha à minha frente novas amizades, novas descobertas.

Foi no 10.º ano que conhecemos o professor Rui Oliveira, que nos marcou, pois nessa disciplina fazíamos o que mais gostávamos – as peças de teatro. Para nós esta disciplina era o máximo, sempre muito divertida. No princípio, não achava piada porque tinha e, ainda tenho, muita vergonha de me expor perante todos, mas esse medo foi-se quebrando aos poucos.

Quando se aproximou o final do primeiro período nós, as Jotinhas, realizámos o nosso primeiro jantar de Natal, o primeiro de muitos que se seguiram. Também tivemos a nossa primeira experiência no palco, com público assistir: o primeiro café concerto, coordenado pelo professor Rui Oliveira. Deu muito trabalho, houve muitas discussões, muito stress, choro, enfim atitudes normais de quem queria que tudo corresse da melhor maneira. Apesar de todo o trabalho e cansaço que provocou, valeu a pena, pois saímos muito bem, já que era a primeira apresentação.

No final do ano, reflecti naquilo que muitas vezes não fiz por pensar que não era capaz, agora percebo que apenas não sou capaz se eu não quiser. Hoje vivo a vida de maneira mais intensa.

A novidade do 11.º ano, foi a entrada de dois rapazes na nossa turma, mal eles sabiam o que era aturar raparigas! O grupo das Jotinhas, aos poucos foi-se desfazendo, mas as oito melhores amigas ficaram e ainda hoje resistem e estão para ficar.

Realizamos uma peça de teatro com o título “Mundos Diferentes, Pessoas Iguais”, baseada no preconceito, no racismo, com bastante comédia. Esta apresentação foi marcante, para além do segundo café concerto, coordenado pela professora Ana.

Quando estamos no 11.º ano já temos um pouco a noção do que queremos para o nosso futuro, daquilo que queremos ou não fazer. Aprendi bastante com as minhas amigas, a lutar até ao fim para alcançar os meus objectivos. Finalmente, cheguei ao 12.º ano, o ano que vai decidir o meu futuro e que me traz todos os dias as recordações de anos anteriores. Por tudo isto, não quero que pequenas adversidades sejam a causa de grandes tempestades.

“Os primeiros passos são inúteis se não andares até ao fim, enfrenta o mundo de frente porque viver é mesmo assim, Acredita, sê forte, não desesperes nem desistas, Aprende a ser humilde E parte para novas conquistas Usa todas as energias da alma, Naquilo em que acreditas. Só quem pratica o bem, Aspira na vida à felicidade. Só quem sofre, chora e batalha, É digno de notoriedade.”



PRIMEIRO PERÍODO

Cláudia Monte, 12.º J

Maria Alice, era uma menina extremamente tímida, ao ponto de não falar com quase ninguém, mesmo quando era para falar nas aulas mal conseguia e quando algum colega de turma se ria, ela começava logo a chorar. Andava sempre sozinha nos intervalos e aproveitava essa solidão para estudar e para ler, daí ter sido sempre a melhor aluna desde a primária.

Esta adolescente tinha terminado o 9.º ano com as melhores notas da escola e matriculou-se na sua escola de sonho, na escola secundária onde sempre desejou andar, talvez por influencia dos pais, primos ou por aquela escola a fascinar... Mas, como há sempre um “mas”, esta escola não era assim tão fantástica, assustava-a o facto de ser grande e estar sempre cheia de gente, que se iria rir dela, que a iria gozar por ela ser tão insegura e frágil.

Alice passou as férias de Verão aterrorizada porque cada dia que passava, estava mais próximo o dia da apresentação e de enfrentar aqueles corredores que parecem não ter fim, das enormes escadarias, de se perder ao procurar a sala, de não ser bem aceite na turma.

Quando chegou o dia antes da apresentação na sua nova escola, Maria Alice ficou doente, tinha febre, suores frios, vomitava sempre que comia alguma coisa e não saía da cama com dores pelo corpo todo. A mãe estava muito preocupada porque já há muitos anos que a sua filhota não ficava doente, levou-a ao médico e ele não sabia em concreto o que ela tinha, deduzindo que fosse nervosismo.

Depois de ter tomado os remédios passou bem a noite e quando acordou já nem se lembrava que tinha chegado o “grande” dia. Vestiu-se, tomou o pequeno almoço e foi a pé para a escola. Quando chegou, a escola estava cheia de gente, como estava tão envergonhada e sem jeito, encostou-se num cantinho à espera de entrar na sala de aula, sentia-se observada e desenquadrada.

Quando entrou na sala reparou como o quadro era grande e negro, as mesas eram individuais, ao menos isso deixava a mais satisfeita. Conheceu a sua directora de turma e a sua professora de matemática, achou as professoras um máximo, ao contrário dos seus colegas de turma, que só sabiam resmungar e criticar tudo o que elas diziam. Alice achou os seus colegas uns fúteis e que não respeitavam ninguém, pois estavam sempre a falar, sempre a reclamar por tudo e por nada... No fim da apresentação, como não tinha mais nada para fazer na escola, recebeu o seu cartão magné-

tico e foi andando para casa. Durante o caminho admirava-o e via que bonito que ele era, mas sempre que o olhava tapava a sua foto. Não gostava da sua imagem, nem do cabelo, que toda a gente parecer um “esfregão”, e muito menos do seu corpo, achava-se muito magrinha comparando com as adolescentes da sua idade.

Assim que chegou a casa, foi até à sala e reparou que já tinham chegado os livros novos, ficou tão entusiasmada que começou por encapá-los e, de seguida, foi ler um pouco de cada livro. Achou a matéria de História muito interessante e cativante, pegou no seu bloco de apontamentos e começou a tirar notas e a resumir alguns temas importantes.

Os seus pais, ficavam contentes por ela ser tão empenhada Escola, mas por outro lado ficavam desanimados por ela ser uma menina tão sozinha, que não falava dos seus problemas com ninguém.

Este ano lectivo começou em grande. Eram só boas notas e todos os professores gostavam muito dela, mas o que não começou da mesma maneira foram as amizades. Para Alice a sua melhor amiga era a Biblioteca da Escola, era lá que passava os seus tempos livres e onde se sentia segura, no meio dos livros, do silêncio e longe da confusão. No decorrer do primeiro período foi conhecendo melhor os seus colegas de turma, mas mesmo assim não falava com ninguém, só quando eram trabalhos de grupo e quando isso acontecia eles deixavam-na fazer o trabalho todo sozinha enquanto que o resto do grupo ficava a conversar e a brincar.

Depois de almoço, Maria Alice ia estudar, ler uns livros para a biblioteca, ou então conversar um pouco com a funcionária, sobre as notas e a matéria das diversas disciplinas. Naquele dia, já estava um rapaz a conversar com a D. Céu. Então, sentou-se na mesa do costume, tirou o seu bloco de apontamentos e começou a estudar. Mas, o que lhe estava mesmo apetecer era conversar. Ainda pensou em se juntar à conversa, só que a vergonha era tanta que nem pensou segunda vez. Ficou sentada apreciar aquele rapaz, que era bonito e misterioso, parecia que guardava algum segredo...Ficou a olhá-lo e até perdeu a noção do tempo.

A partir daquele dia ela não conseguia pensar em mais nada nem em mais ninguém, se não no rapaz da biblioteca. Agora, em vez de estar a estudar nos tempos livres, ficava a olhar para a porta, para ver se ele entrava.. Até deixou pela primeira vez um

teste em branco de tanto pensar naquele colega de escola que ela nem sabia quem era. Passou o fim-de-semana ansiosa e assim que chegou a segunda-feira, Maria não tinha aulas naquela manhã, mas foi na mesma para a biblioteca para mais um dia de “buscas”.

Após tanto esforço finalmente conseguiu encontrá-lo no intervalo. Alice estava a imprimir um trabalho na biblioteca ao lado da funcionária e ele cumprimentou-a. Alice ficou completamente muda, nunca nenhum rapaz lhe tinha falado daquela forma como ele falou. Ficaram a conversar o intervalo todo. No dia seguinte, assim que tocou para a saída de almoço, foi logo a correr para a biblioteca, nem almoçou! Ficou a saber que o rapaz se chama António e que a razão de ele tanto ir para a biblioteca era completamente diferente da dela, ele apenas ia lá porque a D.Céu era sua madrinha! O tempo foi passando e quando ele lhe disse que estava apaixonado por ela, a primeira coisa que lhe passou pela cabeça foi mudar de visual.

No entanto, ele foi-se apercebendo que não foi por aquela rapariga que se tinha apaixonado, mas sim pela menina tímida e discreta que já não existia. Alice tinha aprendido a gostar de si, a cuidar de si, a ter amigos e nada foi capaz de mudar isso.



O MEU DESENVOLVIMENTO COGNITIVO

Renato Jacobs, 12.º J

Antes de mais, vou abordar a tese “O meu desenvolvimento cognitivo” com a intervenção da escola, dizendo os benefícios que ela me proporcionou!

Um bocadinho de mim...

Penso que sou uma pessoa como todas as outras, porém, com um bom sentido de HU!!! Considero-me uma pessoa AM para os meus amigos, dando mais valor aos que argumentam com SI determinados assuntos de forma JU. Sou adepto do CO que usufrua de um excelentíssimo espírito de equipa. Penso que a união faz a FO, pois é com ela que temos as maiores probabilidades de ultrapassar determinados desafios que vão surgindo ao longo do nosso desenvolvimento cognitivo.

Com esta breve descrição, pretendi mostrar um bocadinho da importância que tem a minha interacção com o meio, pois abordei essa tese nos parágrafos seguintes.

Desencadeamento da acção

Durante a minha vida, interagi com o meio no qual criei estereótipos. Nesta cadeia desenvolvimentista adquirir regras e valores socioculturais, que provêm da cultura subjacente à sociedade brasileira em que estive integrado. Neste processo a que estive exposto, não posso deixar de focar alguns dos aspectos/papéis que considero importantes para estimular o meu desenvolvimento como indivíduo.

O primeiro papel é, nada mais, nada menos, a família, fundamental no meu desenvolvimento. Assim sendo, os meus pais e avós, entre outros, estereotiparam as minhas primeiras impressões. Alguns filósofos dizem que as primeiras impressões são as que perduram mais tempo. Adquiri com os meus pais conhecimentos, e com estes pude avançar de estádios, aprendendo assim a interagir com o meio. Contudo, a interacção com o meio é um processo contínuo até ao fim das nossas vidas, ou seja, estamos sempre a aprender.

O segundo papel também é relevante no meu desenvolvimento – a escola. É neste espaço que aprendi e aprendo a expandir as minhas capacidades cognitivas. Neste meio, conheci vários professores, e cada um transmitiu-me um pouco de si e dos seus conhecimentos. Neste contexto, o professor é essencial, porque dá continuidade aos pais, e assim sucessivamente. A escola é uma

resposta social, contribui para o desenvolvimento pessoal e social equilibrado. Com base na experiência de vida democrática, numa perspectiva de educação para a cidadania, a escola ajudou-me a despertar a curiosidade e o pensamento crítico, e a criar os laços de amizade.

Num estabelecimento de ensino público, há mais do que um estudante, ou seja, há vários integrantes e cada um tem o seu papel, tal como os professores. Os outros integrantes também têm uma extrema importância, porque provavelmente, alguns deles vão acompanhar-me ao longo da minha vida, mais concretamente os meus amigos, que podem ser os funcionários, os professores, e os mais prováveis: os colegas de turma. Neste meio de interação, podem também surgir novos patamares de aproximação, por exemplo: o namoro. Este, na minha concepção, também tem o seu valor lógico, pois é estimulante dos sentimentos, e estes sentimentos criam laços de união. Eu encontro-me neste patamar e sei valorizá-lo, porque me proporciona um bem-estar constante.

O meu Secundário

O meu secundário foi feito em Portugal, porque acabei o Ensino Básico no Brasil. As minhas raízes proporcionaram-me algum saber, que eu pude empregar em Portugal.

No início defrontei-me com imensas dificuldades, porque apesar das línguas serem parecidas, a cultura e o uso de determinadas palavras, na prática, não eram assim tão simples. O primeiro ano estudei na Rocha Peixoto, na Póvoa de Varzim e como já esperava, não fui muito bem sucedido, pois, reprovei. No entanto, isto nunca me abalou, sempre pensei “com esforço, vou ao longe”. Com este lema, melhorei significativamente o meu desempenho, mantendo ainda vestígios da minha cultura materna que não extingui por completo. Na escola Rocha de Peixoto conheci vários personagens, como numa história, em que cada um assume o seu papel representativo.

Na minha opinião, os professores que tive foram EX. Apoiaram-me nas minhas dificuldades a nível da Língua Portuguesa. Por exemplo, tive uma professora que me ajudou muito, aconselhou-me os cursos que provavelmente eu teria mais sucesso, que foi o Curso de Acção Social. E a partir daí melhorei bastante. Tive professores AMI, SP e COP.

Os funcionários são uns dos RSP pela organização da escola, cabe-lhes “aturar” os alunos. Se os alunos forem educados, eles sabem dar-lhes valor e ajudam-nos, caso contrário, não dão muita confiança. Essa é a psicologia do funcionário.

Os amigos/colegas são aqueles que me ajudaram durante os anos lectivos. Foram eles: AMI, SP, COM.º e por vezes até FAL.

Por fim, a namorada. Ela teve um papel muitíssimo IMP, com quem simpatizei muito. Ela acompanhou-me numa parte significativa da minha vida, na qual precisei de companhia; criamos laços não só de amor, como também de amizade. Ela é uma COMª, FIX, ENG, pois é BE-HU. É a PAR ID. É QR, BO, SPL e MGN. Uma pessoa com quem posso contar em todas as ocasiões e ela também pode contar comigo. O meu desejo é viver feliz para sempre, ao lado dela.

Na escola Rocha de Peixoto, concretizei aquilo que tinha subjacente na minha mente, que é “viver é aprender”.

Conclusão

Em suma, sou um AP de filósofo, pois ainda tenho um longo e difícil caminho a percorrer. Ainda falta alcançar a estabilidade do saber. Só alcançamos a sabedoria se atingirmos a estabilidade com o meio, sem deixar que este nos influencie demasiado nas nossas concepções. Todas as personagens que encontrei aqui, ajudaram-me a crescer psicologicamente e a ter uma diferente concepção da realidade. Adquiri valores e normas importantes para o meu futuro, onde tenho o papel activo na tomada das decisões. A todos agradeço profundamente todos os meus conhecimentos, cabe-me usá-los, ou não, da melhor maneira. Entrei na escola como sendo um adolescente, agora cresci e sou um aprendiz de um grande Homem.

Legenda:

Personagem principal: RENATO

Características

HU:	humor
AM:	amiga
SI:	sinceridade
JU:	justa
CO:	companheirismo
FO:	força
AP:	aprendiz

Personagem Secundária: ESCOLA

Professores (características)

EX:	excelentes
AMI:	amigos
SP:	simpáticos
COP:	competentes

Funcionários (características)

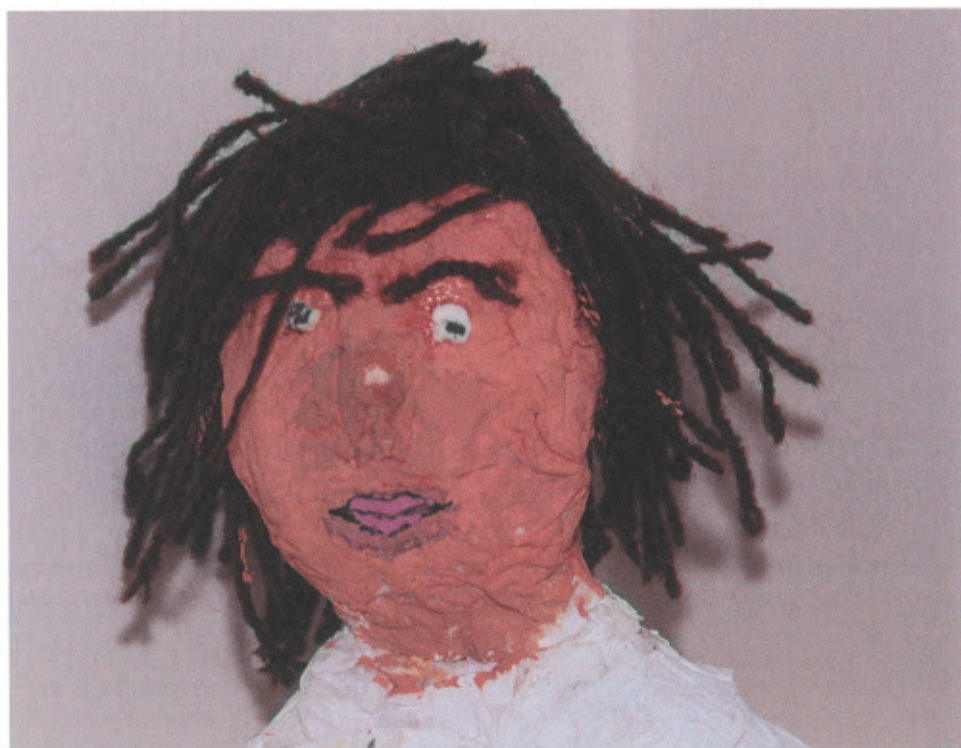
RSP:	responsáveis
------	--------------

Amigos (características)

COM.º:	companheiros
FAL:	falsos

Namorada (características)

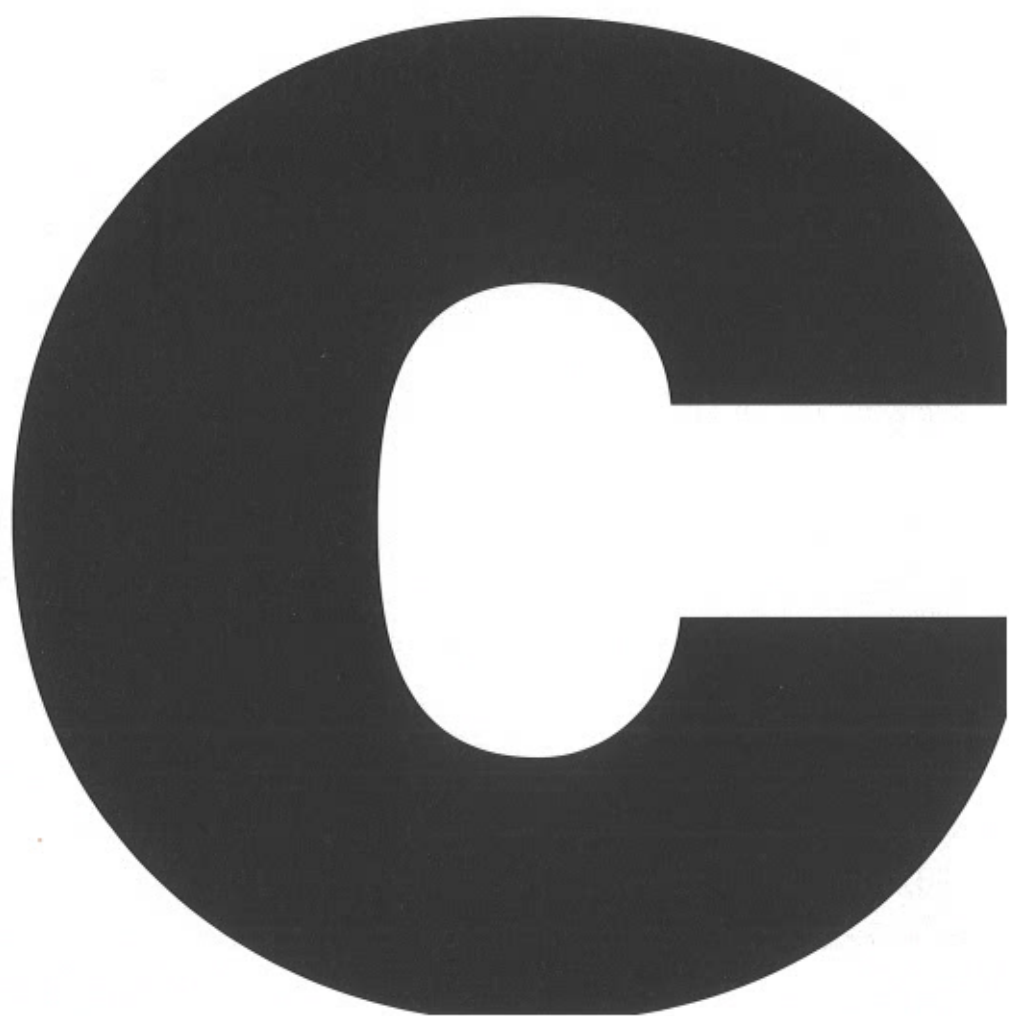
IMP:	importante
COMª:	companheira
FIX:	fixe
ENG:	engraçada
BE-HU:	bem-humorada
PAR ID:	parceira ideal
QR:	querida
BO:	bonita
SPL:	simples
MGN:	magnífica
CAR EXU:	carisma exuberante





Escalão

Poesia e Prosa





OBSERVAR-O-MAR

Armando José Gomes, 11.º NA

Aquário selvagem prolífero
Arejo equilíbrio ambiental
Ajuda ao alívio do calor,
Força e dinamismo por, entre:
Atlântico, Índico, Pacífico, lá
Dimensão profundo mortífero,
Distúrbio postura crise global
Em crescimento, o
conquistador!.

Surpreendente horário do
Caminho da contemplação
Do olhar no horizonte dado
Reflexo sobre real fonte,
Foz na espuma, forte
Estouro da corrente, além
Rebentação, a areia, ai era!
Sopro ofício humano
degenera.

Quebra do mar solene
sinfonia
Orquestra brava maravilha,
Ai harpa melodia fruto da
praia!
Harmonia ouvido completa,
Nota natural nada ata laia!
Ai a lata ininterrupta, alerta,
Prova infinita banda sonora.

Ave mérito de maestro, perto
Sobre água sobrevoa,
privilégio
Duas asas: termino com
esquerda!



João Barreira, o Severo e o Cardoso fundámos em 1887, a Sociedade Carlos Ribeiro, cujo órgão era a “*REVISTA DE CIÊNCIAS NATURAIS E SOCIAIS*”, da qual publicámos, cinco volumes compostos por vinte fascículos. Posteriormente, quando o Hamilton Araújo se juntou a nós, a investigação e discussão eram tais que decidimos substituir a primeira revista por uma outra já mais completa e variada: a revista antropológica “*PORTUGÁLIA*” cujo primeiro tomo incluiu quatro fascículos.

Entrevistadoras: Soubemos que trocou correspondência com Augusto Nobre, irmão do poeta António Nobre...

Rocha Peixoto: Assim foi. Um dia, convidei -o para vir a minha casa para conversarmos sobre questões científicas. Eu precisava da sua ajuda para classificar umas conchas e, ainda, para me indicar uns livros que me ajudassem na investigação da conchiologia, pela qual me interessava bastante.

Entrevistadoras: O Augusto Nobre era seu colega?

Rocha Peixoto: Não. O Augusto estudava em Coimbra. O seu irmão António Nobre é que fazia parte do nosso grupo. Até o convidamos para ele ser redactor da “*Revista de Ciências Naturais e Sociais*”. Só que, como bem sabem, o Nobre era mais poeta!!!

Entrevistadoras: Os seus amigos retratavam-no como um homem possuir de um físico trivial, senhor de um olhar vivo e penetrante e que quando falava revelava uma inteligência aguda e uma sensibilidade rara. Teve muitos amores?

Rocha Peixoto: Os meus amores foram a família, a ciência e a pátria.

Entrevistadoras: É natural para quem se interessou tanto por lanternas, cata-ventos, filigranas, castros, conchas, que tivesse pouco tempo disponível para amar... (risos). Mas, é sabido que tinha um feitiozinho difícil...

Rocha Peixoto: É verdade! Os meus colegas de trabalho achavam-me um polemista intrépido, com um temperamento irrequieto e uma mente aberta ao mundo. Em suma, um homem moderno para o meu tempo. Confesso, porém, que, nas discussões mais acesas, eu encolerizava-me e, por vezes, saía-me, assim, umas palavritas com uns ressaibos populares.

Entrevistadoras: Afinal, de contas, qual é a sua formação?

Rocha Peixoto: Sou, essencialmente, um autodidacta, um curioso insaciável. Além disso, frequentei a Academia Politécnica do

Porto até ao 4.º ano que não concluí dadas as minhas inúmeras dificuldades económicas, pois o meu tio Major Romão Costa Flores que me custeava os estudos, entretanto, falecera. Porém, os estudos académicos que eu até ali realizara com êxito permitiram-me obter o *Diploma de Académico da Classe de Ciências Matemáticas, Físicas e Naturais*.

Entrevistadoras: Consta que recebeu um louvor da Academia Politécnica do Porto. Fale-nos um pouco disso?

Rocha Peixoto: Em 1890, o Professor Manuel Amândio Gonçalves, propôs que a Academia me concedesse um voto de louvor pelos meus bons serviços prestados na escolha e acondicionamento de uma colecção de minerais e fósseis que tinha sido oferecida ao Gabinete de Mineralogia e Geologia da Academia.

Entrevistadoras: Então, após a perda do apoio económico do seu tio, como ultrapassou as suas dificuldades económicas?

Rocha Peixoto: Na verdade, foram tempos difíceis e a família a meu cargo numerosa. Mas eu, nunca baixei os braços. Certa ocasião, até publiquei um livro escolar *Compêndio de Geografia para o secundário*, para fazer face à escassez de dinheiro.

Entrevistadoras: Que funções e cargos exerceu ao longo da sua vida?

Rocha Peixoto: Trabalhei como 1.º oficial da 1.ª repartição, na Câmara Municipal do Porto. Durante outros seis anos, fui bibliotecário do Ateneu Comercial do Porto. Mais tarde, durante nove anos, fui bibliotecário da Real Biblioteca Pública Municipal do Porto. Convidado pela Academia Politécnica do Porto, exerci o cargo de naturalista -adjunto, para a secção de Mineralogia. E, leccionei na Escola Industrial Infante D. Henrique. Exerci os últimos quatro cargos em simultâneo. Trabalhei muitíssimo!

Entrevistadoras: Como um negro, diríamos nós. E, como conseguia tempo para isso tudo?

Rocha Peixoto: Sabem, eu sempre fui muito organizado por isso, conseguia tempo para estudar, pesquisar, ensinar, conviver, dedicar-me à família e aos amigos, e, até, saborear a tranquilidade do jardim da minha casa de Matosinhos...

Entrevistadoras: Geografia, minerais... afinal, que áreas investigou?

Rocha Peixoto: Comecei a interessar-me pelas Ciências Naturais. A seguir, pela malacologia, uma ciência deslumbrante que estuda os moluscos. Posteriormente, pela antropologia, pela

epigrafia que me permitiu entender o conteúdo das inscrições dos monumentos antigos. Depois, pela arqueologia e etnografia e etnologia. Como vê, áreas que se interligam, pois tudo o que se relacionasse com história e cultura dos povos me fascinava.

Entrevistadoras: Então, e a Museologia?

Rocha Peixoto: Obviamente, uma outra área apaixonante. Eu fui director do Museu do Porto. Nessa função organizei a secção arqueológica com materiais das cidades de Laúndos, Terroso e Guifões. Criei, ainda, a secção epigráfica, reuni uma colecção de cerâmica nacional bem como outros elementos etnográficos do Norte do país. Enriqueci o espólio do museu, com diversa pintura portuguesa, cerâmicas, cristais, mobiliário artístico e tradicional, muitos deles, adquiridos em vários leilões.

Entrevistadoras: O senhor nunca fez férias?

Rocha Peixoto: Sabem, eu não tinha muito tempo para descansar. Talvez por isso, a doença me tomasse tão cedo. Mas, normalmente, lá pelo mês de Setembro, apreciava ir até à Póvoa ou a Moreira da Maia visitar o meu velho amigo Ricardo Severo.

Entrevistadoras: Diz-se que os vila-condenses se zangaram consigo?

Rocha Peixoto: Isso, foi um mal entendido. O bairrismo exacerbado fez polémica sobre o caso do Mosteiro de Santa Clara. A minha intenção era salvaguardar o espólio... talvez, eu não tenha sido compreendido. Quatro anos mais tarde, veio a controvérsia sobre o nascimento do Eça de Queirós. Como bem se recordam, a Câmara da Póvoa encomendou-me uma pesquisa sobre o local de nascimento do Eça. Depois de séria investigação, eu defendi que o nosso grande romancista era poveiro, baptizado em Vila do Conde... Caiu o Carmo e a Trindade! Sabem que até pregaram escritos nas portas das casas da Vila enxovalhando o meu nome?! Todavia, diz-se, que uma embaixada bem representativa de vila-condenses esteve presente no meu funeral. E de facto, lá do outro lado da morte, eu vi que tanto os poveiros como os vila-condenses respeitaram e admiraram o meu trabalho.

Entrevistadoras: Alguns dos seus amigos afirmam que foi vítima de uma tuberculose fulminante...

Rocha Peixoto: Assim foi. Faltavam somente 16 dias para completar os meus 43 anos, justamente quando eu colhia os frutos do meu trabalho intenso e profícuo, e quando, finalmente, me era

reconhecido o meu empenho e valor enquanto estudioso, essa doença fatal, em apenas dois meses, ceifou-me a vida. Na realidade, eu morri com duas mágoas: a de não completar um livro ao qual chamaria "A Serra" e a de não deixar acabado o Museu Municipal.

Entrevistadoras: Impressionante! E que balanço fez da sua vida?

Rocha Peixoto: Uma vida intensa, cheia e inacabada. Mas, como investigador, acredito que isto é uma bênção.

Entrevistadoras: Por que diz isso?

Rocha Peixoto: Porque a ciência é aberta, dinâmica, infinita.



HISTÓRIAS DA MINHA ESCOLA

Isabel Carvalho, *Aluna 1962-1967*

Em 1962-1967, fui aluna desta escola, foram tempos muito felizes. Eu era muito educada, disciplinada e boa aluna, tinha muito respeito pelos professores.

Há muitas histórias para contar, mas esta é aquela que tenho mais presente e a que mais me marcou.

Quando os professores faltavam, era *feriado*, então saíamos da escola de bata branca, e em grupo, com os rapazes, íamos para o café Guarda Sol ouvir música.

Havia lá, uma caixa de música enorme, com um visor muito colorido e muitas teclas com os nomes das canções. Então, introduzíamos uma moeda e a máquina como que por magia começava a cantar aquelas canções românticas da época. Eram canções francesas do *Adamo*, como o *Tombe la Neige*, italianas do *Gianni Morandi*, como o *Non Son Degno Di Te* e brasileiras como o *Roberto Carlos* com a canção *Eu Te Darei o Céu* e o *Meu Amor Também*, e muitas outras, que faziam os nossos corações saltitar e transbordar de paixão pois estávamos na idade do amor.

Quando a hora se estava a aproximar voltávamos para a escola afim de ter a aula seguinte.

Os nossos rostos vinham radiantes, vermelhos da brisa do mar, e os olhos brilhantes de tanto encantamento.



QUERIDA ESCOLA

Neste dia que te é dedicado, quero dar-te os meus parabéns pela passagem de mais um aniversário e desejar-te os maiores sucessos. Quero ainda aproveitar a oportunidade para te dizer como foste e continuas a ser importante no meu quotidiano.

Há quarenta e seis anos que te trago no meu coração. Aqui passei cinco alegres anos a estudar e ajudaste-me a formar para a vida.

Já passaste por muitas situações: choravas quando vias os teus alunos desistirem dos estudos; alegravas-te quando tinham sucesso; exultavas quando triunfavam fora da tua casa; recebias de braços abertos os rejeitados por outras escolas e ficavas triste quando algum dos teus filhos passava, por momentos difíceis.

Se as tuas paredes falassem, teriam, certamente, muito que contar!

Numa fase complicada da minha vida, em que o desemprego me bateu à porta, deste-me guarida, como qualquer mãe que ama os seus filhos dilectos. Já lá vão seis anos. Espero, por isso, nunca vir a desiludir-te.

Conheci-te sempre como uma escola que procura não excluir ninguém; lançaste muito dos teus alunos na senda do êxito profissional; fazes intercâmbios com outras escolas; recebes escritores famosos para incitar os teus alunos a ler; incentivas os alunos a tornarem-se escritores; tens uma biblioteca onde todos se sentem bem; recebes condignamente figuras ilustres, quer sejam da nossa terra, quer sejam de outros países; lançaste uma revista para que outros te conheçam melhor e vais dar "Novas Oportunidades" a muitas pessoas que delas necessitem.

Creio que estás orgulhosa do teu passado, mas não te sentaste à sombra desse passado. Ciente de que podes fazer ainda mais pelos teus filhos, meteste-te na aventura de reconstruíres a tua casa, pensando no bem-estar de toda a comunidade escolar.

Certamente, tudo faremos para sentir ainda mais orgulho nela! Recebe neste dia um abraço do tamanho do mundo.

Tua aluna sempre grata

Póvoa de Varzim, 18 de Maio de 2009

Madalena Amaro

ROCHA PEIXOTO – UM PERFIL

Madalena Amaro

*“Chamam-me naturalista e até arqueólogo:
eu, porém, sou um etnógrafo.”*

Rocha Peixoto

Foi um caso de amor. Não de amor à primeira vista, porque não se gosta daquilo que se desconhece, mas de um amor que se foi insinuando à medida que fui descobrindo as suas várias facetas.

Pesquisar a vida e obra de Rocha Peixoto constitui um desafio para qualquer pessoa. Maior é o desafio se a pessoa em questão, pouco souber acerca desta personagem, como foi o meu caso, mas não só; este homem, nascido na Póvoa de Varzim, é praticamente desconhecido dos seus conterrâneos.

Senti curiosidade em pesquisar a sua vida e o que descobri, deixou-me surpreendida.

À medida que a pesquisa foi avançando, fui descobrindo não só o homem e a sua obra, como os amigos, o político, o cientista, o investigador, o escritor, a sua faceta polémica...Tantas facetas numa só pessoa, dá que pensar!

Nascido na Póvoa de Varzim, em Maio de 1866, no seio de uma família pequeno-burguesa, era filho de um médico de Ponte de Lima e de mãe vila-condense. O pai viria a falecer de cólera aos 70 anos de idade, deixando a sua família com dificuldades económicas.

Rocha Peixoto que era o penúltimo de doze irmãos, tinha oito anos quando o pai faleceu. Os irmãos foram distribuídos pelos tios.

Foi na cidade do Porto que fez os seus estudos e toda a sua vida intelectual. Aqui conheceu e formou o seu núcleo de amigos: Ricardo Severo, Fonseca Cardoso, João Barreira e Hamilton de Araújo, foram os primeiros.

Não chegou a concluir os seus estudos superiores porque, entretanto, morre o seu tio materno, que lhe pagava os estudos. Por isso herda, uma situação económica precária, pois Rocha Peixoto tomou a seu cargo o sustento de sua mãe e irmãs, que ficaram desamparadas pela morte de seu pai.

Para angariar mais proventos, escreve e lecciona, dando aulas de Ciências Naturais na Escola Industrial Infante D. Henrique. Chega, até, a publicar o *Compêndio de Geografia para o Secundário*.

Ainda estudante, é convidado para ocupar o lugar de naturalista-adjunto na Escola Politécnica do Porto.

Estudava constantemente, lia e escrevia muito. Em 1887, funda a Sociedade Carlos Ribeiro, juntamente com os amigos de sempre, de que a Revista de Ciências Naturais e Sociais é o seu órgão máximo. Começa a publicar os seus artigos que tanto prestígio lhe viera a granjear.

Esta revista, de que saíram vinte fascículos, constituiu um balão de ensaio, a esse baluarte da Ciência que foi a revista Portugália. Para o seu alto nível, contribuíram igualmente os trabalhos de Alberto Sampaio, Adolfo Coelho, José Leite de Vasconcelos, Martins Sarmiento, Teófilo Braga, além de Rocha Peixoto.

Extinta a sociedade e a revista, Rocha Peixoto vem a ocupar o lugar principal na Biblioteca Municipal e o cargo de Conservador do Museu Municipal do Porto. Chega, portanto, a exercer quatro cargos, em simultâneo, permitindo-lhe viver mais desafogadamente.

Frequenta os meios jornalísticos e científicos da cidade do Porto.

Escolhe uma rua tranquila de Matosinhos para viver, onde encontra o sossego necessário para escrever e onde recebia amigos de todas as camadas sociais e políticas, com afecto e cordialidade.

Continua a investigação sobre o seu país que, na sua opinião, era o menos explorado e conhecido da Europa.

Viajante incansável, percorria os lugares mais recônditos do país, investigando e recolhendo material para os seus escritos. Recolheu parte dos espólios dos conventos que, encerraram nessa época, como foi o caso do Convento de Santa Clara, em Vila do Conde.

Graças aos seus estudos de investigação na antropologia, nada mais ficou como antes. Alguns estudiosos afirmam mesmo que Rocha Peixoto foi pioneiro nessa investigação, numa área onde nunca antes, alguém se tinha debruçado.

A sua faceta de etnólogo leva-o a gozar as férias não como turista mas como investigador de monumentos, palheiros, olaria, cataventos...

Rocha Peixoto utilizava a escrita como arma contra o obscurantismo, a ignorância ou a inércia, provocando, com isso, algumas

controvérsias. Era muito crítico, não pactuando com determinadas situações da sociedade portuguesa, como foi o caso do Museu Municipal do Porto. A situação de abandono em que o mesmo se encontrava, levou Rocha Peixoto a publicar um opúsculo sobre o caso, que deu brado.

Ao longo de vinte anos foi juntando materiais provenientes das suas investigações, estudos e escritos com o objectivo de vir a publicar a obra da sua vida.

Não chegou a completar aquela que seria a sua coroa de glória, porque o destino assim não o quis. A morte arrebatou-o numa altura em que, alguns dos seus projectos, ficaram por realizar.

Na minha opinião, a melhor homenagem que se pode prestar a esta figura ímpar da sociedade portuguesa do início do século XX, seria divulgar a sua obra que, volvidos cem anos após a sua morte, permanece ainda ignorada e esquecida.

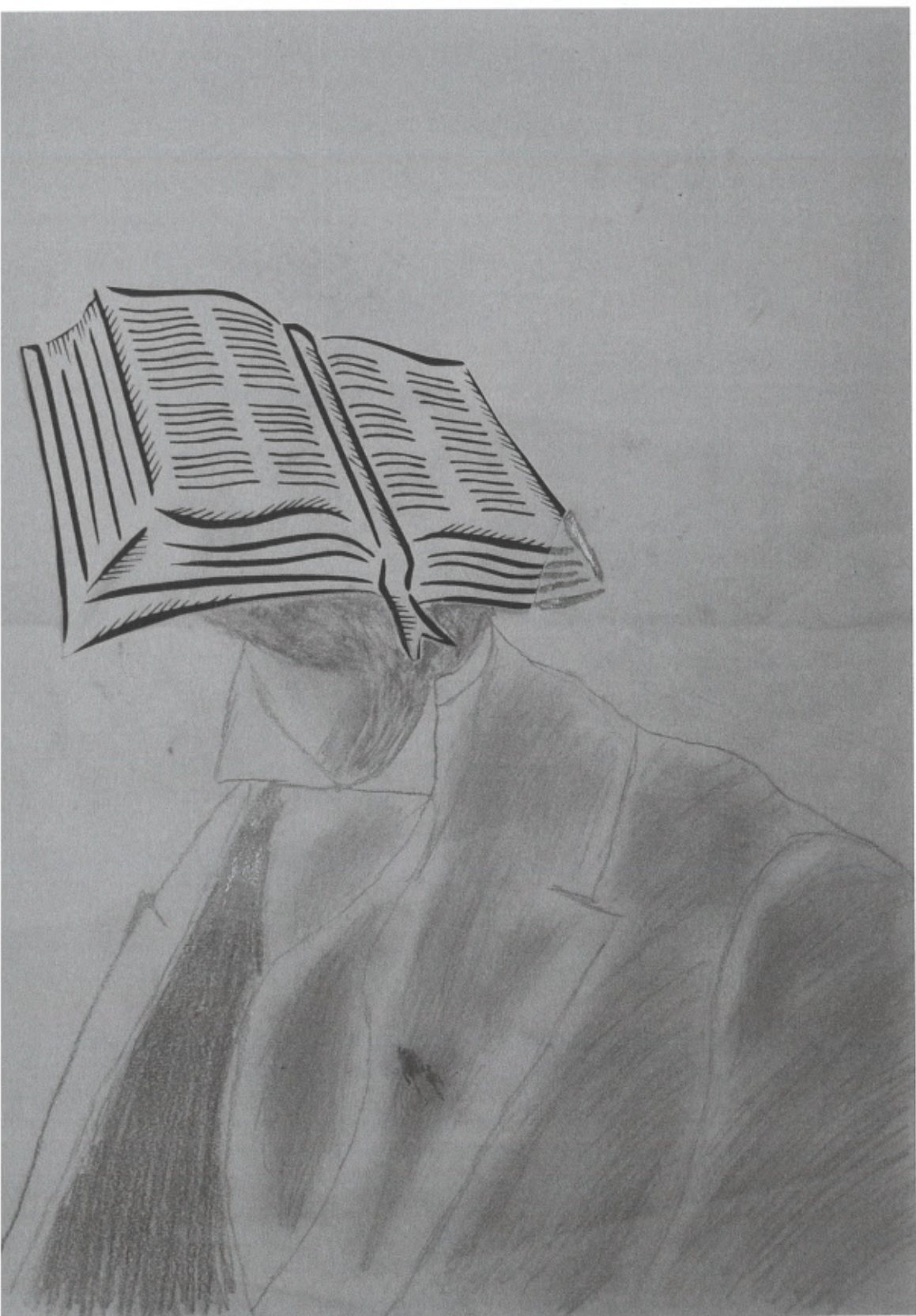
Uma admiradora

Bibliografia:

Gonçalves, Flávio

Rocha Peixoto (Depoimentos e Manuscritos)

Edição da Câmara Municipal de Matosinhos, 1966





Índice

3. Prefácio

ESCALÃO B – POESIA

7. As palavras
8. A esferográfica
9. Testemunho de um Lápis
10. Se eu fosse o vento
11. O livro escolar
12. Novo ano
13. Memória
14. Confissões no WC

ESCALÃO B – PROSA

15. Vidas no jardim da Rocha
16. Carteiras em férias
17. Entrevista a António Augusto da Rocha Peixoto
18. As “beifas”
20. O grupo das “8”
22. Confissão
23. Sou a escada interior...
24. Uma vida em quatro paredes
25. Ilusões do primeiro dia de aulas!
26. Desespero
27. Uma nova etapa da minha vida
28. Recordações de estudante
29. Sou a máquina controladora!
30. Se eu fosse o homem mais poderoso
32. A minha vida em câmara lenta!
36. Foto do meu primeiro dia na Rocha
37. A união faz a força
38. Árvore do jardim

- 39. Construção civil
- 40. As inseparáveis da Rocha
- 42. Nova escola, novos amigos
- 44. Meu querido diário
- 45. Juntas venceremos, divididas cairemos!
- 47. Escola assombrada
- 49. O primeiro dia na Rocha Peixoto
- 50. A mudança
- 53. Uma vida passada aqui...
- 55. Memórias gravadas
- 58. Os melhores anos da minha vida
- 61. Primeiro período
- 64. O meu desenvolvimento cognitivo

ESCALÃO C – POESIA

- 71. Observar-o-mar
- 72. Paródia

ESCALÃO C – PROSA

- 73. À conversa com Rocha Peixoto
- 78. Histórias da minha escola
- 79. Querida Escola
- 80. Rocha Peixoto – um perfil



Ficha Técnica

Título: Os Escritores da Rocha Peixoto III

Autoria: Albertino E. Cadilhe (org.) e equipa da biblioteca escolar

Imagem da capa: Carolina e Zé Miguel, 9.º A – Educação Artística.

Imagens do interior: trabalhos desenvolvidos por alunos:

- 9.º Ano na disciplina de Educação Artística sob orientação da professora Isabel Sofia.
- 12.º I na disciplina de PANSO sob orientação da professora Isabel Sofia.
- 9.º A em Área Projecto sob orientação da professora Conceição Pinheiro.

Design Gráfico: isabel sofia [isabelsofiapinheiro@gmail.com]

Impressão e acabamento: SerSilito-Empresa Gráfica, Lda.

Tiragem: 1000 exemplares

ISBN: 978-972-9146-67-1

Depósito legal: 294189/09

